

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ELISÂNGELA MAURA CATARINO

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA LEITURA NA ESCOLA PÚBLICA PARA
FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO DO 6º ANO

São Leopoldo

2009

ELISÂNGELA MAURA CATARINO

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA LEITURA NA ESCOLA PÚBLICA PARA
FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO DO 6º ANO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária Com Infância e
Juventude

Orientador: Manfredo Carlos Wachs

Segundo Avaliador: Remí Klein

São Leopoldo

2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C357i Catarino, Elisângela Maura

A importância do ensino da leitura na escola pública para formação do leitor crítico do 6º ano / Elisângela Maura Catarino ; orientador Manfredo Carlos Wachs ; co-orientador Remí Klein. – São Leopoldo : EST/PPG, 2009.

61 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2009.

1. Leitura – Desenvolvimento. 2. Interesse na leitura. 3. Crianças – Livros e leitura. 4. Pensamento crítico – Estudo e ensino. I. Wachs, Manfredo Carlos. II. Klein, Remí. III. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

ELISÂNGELA MAURA CATARINO

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA LEITURA NA ESCOLA PÚBLICA PARA
FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO DO 6º ANO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária Com Infância e
Juventude

Data:

Manfredo Carlos Wachs - Doutor em Teologia - Escola Superior de Teologia

Remí Klein - Doutor em Teologia - Escola Superior de Teologia

*“Se a educação sozinha não transformar a sociedade,
sem ela tampouco a sociedade muda”.*
(Paulo Freire)

*A Deus;
A meus pais;
A meus filhos amados:
Alanna, Sávio e Ágnis;
A mim, que, mesmo diante das dificuldades,
acreditei em minha capacidade de superação.
Agradeço ainda a todos
que acreditaram que era possível vencer.*

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

PROINFO – Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia Educacional

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo investigar como a escola pode colaborar para formação de um leitor crítico, mesmo esse leitor sendo bem jovem, como é o caso dos alunos do 6º ano. Evidentemente, não se trata de um manual ou de indagação sem fundamentação, mas é uma reflexão para uma mudança de comportamento diante do ensino da leitura para alunos dessa fase, respeitando suas limitações e, principalmente, entendendo que é necessário ensiná-los a ler. Um leitor crítico só pode surgir quando ele lê e compreende o que leu, e mais, usa essa leitura em seu favor.

Palavras-chave: Escola. Leitor crítico. Ensino da leitura.

ABSTRACT

The present research aims to investigate how the school can collaborate for a critical reader's formation, even if this reader is still so young as the students of the 6th Grade. Indeed, this research is not a manual or an inquiry without ground. But it is a thought for a changing of behavior before the teaching of reading for students of this grade, respecting their limitations and, mainly, understanding that it is necessary to teach them how to read. A critical reader can only emerge when he/she reads and understands what he/she has read, and more than that, when he/she uses the reading in his/her favor.

Keyword: School. Critical reader. Teaching of the reading.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 APRENDIZAGEM DA LEITURA NO 6º ANO.....	13
1.1 A importância da leitura no processo de aprendizagem dos alunos	13
1.2 O sujeito em construção.....	18
1.3 A construção crítica no leitor do 6º ano	22
2 VIVÊNCIAS E RELAÇÕES EM SALA DE AULA COM ALUNOS DO 6º ANO.....	28
2.1 Vivências em sala de aula: um diálogo metodológico	28
2.2 Professor e aluno em uma construção de confiança.....	33
2.3 Diferentes tipos de textos e de gêneros textuais.....	37
3 ESCOLA E FORMAÇÃO CRÍTICA DO ALUNO DE 6º ANO	42
3.1 O papel da escola pública no âmbito social	42
3.2 A escola como ambiente de pesquisa.....	47
3.3 As tecnologias e as diferentes possibilidades de leitura.....	51
CONCLUSÃO	57
REFERÊNCIAS	59

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar é, sem dúvida, um lugar de inúmeras possibilidades, ainda mais quando estamos nos referindo à escola pública, com seu papel ímpar dentro de nossa sociedade individualista e egoísta. Um lugar para todos, independentemente de credo, de cor ou de posição social. Acolhe a todos, dando formação para que o sujeito se torne cidadão atuante na sociedade.

Portanto, o projeto nasce neste ambiente voltado para a seguinte questão: como construir um aluno-leitor crítico em turmas de 6º ano em uma escola pública? Parece ser simples tal pergunta, mas não é. Principalmente quando se recebe uma clientela tão diversificada como é a nossa, com a falta dessa habilidade quando chegam nesta série. Incomodava ouvir os mesmos discursos: “não aprendem nada”, “ele não tem atenção”. Ensinar a ler, ensinar o que é leitura e de como, a partir dela, ser capaz de escolher e decidir por si é o foco de todo debate. Uma utopia sonhada por qualquer professor idealista.

Daí, ao propor um trabalho de pesquisa sobre leitura, o intuito era verificar se era possível através dela retirar as vendas que foram agregadas ao conceito de escola pública como um lugar de alienação e servidão aos propósitos excludentes de um mundo capitalista. Por não acreditarmos que é esse o papel da escola - preparar para servidão - é que nos pusemos nesta investigação árdua e, muitas vezes, contraditória, uma vez que não depende exclusivamente do aluno se tornar crítico, ou do professor ensiná-lo a ser crítico.

Assim, a pesquisa se constrói em uma reflexão contínua e em um diálogo com autores que também acreditam que a leitura é uma porta aberta para diferentes possibilidades de se ler o mundo que se constrói em nossa volta.

Onde encontrar esse apoio para aprender a ler? No ambiente escolar, mesmo com tantas deficiências. É na escola que podemos nos apropriar da leitura e nos tornarmos cidadãos autônomos. Não é uma relação muito fácil a da escola com o ensino, pois ela também vem, ao longo do tempo, sendo manipulada e explorada por uma gama de aproveitadores sociais.

O próprio aluno se torna refém de sua condição desfavorável de ser aluno de escola pública, carregando sobre os ombros este estigma. Pena que um grande

percentual da população olhe de forma preconceituosa para o ensino público, não entendendo que, como ambiente público, possibilita um aprendizado muito maior, pois não se restringe ao ensino científico apenas, mas na formação de um cidadão pleno, capaz de atuar sobre sua realidade cotidiana.

A pesquisa se construiu em capítulos com o intuito de que cada um traga um ponto de interrogação para uma reflexão. Entendemos que não é possível finalizá-los de imediato, pois o assunto é extenso e intrigante, mas deixamos algumas possibilidades, a fim de que o leitor possa se reconhecer como agente dentro deste contexto.

No primeiro capítulo, faremos uma abordagem teórica sobre a construção do conhecimento por intermédio da leitura como ela acontece, quais mecanismos que a envolvem e de como a criticidade pode ser formada, tendo como leitura autores como Isabel Sole,¹ para quem a leitura “é um processo de interação entre leitor e o texto”, como em uma cumplicidade ambos se relaciona para surgimento de um novo olhar sobre o que está sendo aprendido, e Paulo Freire,² com a “leitura do mundo precedendo a leitura da palavra”, pois nenhum conhecimento se constrói do nada, o sujeito acaba deixando suas impressões no que lê.

No segundo capítulo, trazemos as vivências e experiências vividas em sala de aula. Nelas, é possível verificar que pequenas atitudes diante de nossa prática pedagógica podem fazer uma diferença para aqueles que estão em formação. O cotidiano de sala de aula nos desafia a todo instante. Não podemos olhar da mesma forma para os alunos como se todos fossem iguais e aprendessem da mesma forma. Cada indivíduo aprende de acordo com seu tempo, com sua história.

Por fim, o terceiro capítulo aborda o papel crucial da escola e do professor como formador desse novo leitor. É possível que a escola pública almeje formar a todos, mas continua empenhada nos interesses de uma minoria. Porém, não se pode se deixar derrotar antes da luta. É preciso acreditar que é possível e proporcionar um ensino significativo com pesquisas e o uso das tecnologias que estão tão presentes em nosso cotidiano. O professor não pode ficar alheio às mudanças que estão aí.

¹ SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 22.

² FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1993. p. 11.

Muitos questionamentos ainda fazem parte dessa reflexão, mas os autores lidos nos apontarão o caminho para uma postura pedagógica diferentes da que se tem hoje. Cada capítulo, um novo pensar. A conclusão caberá a cada leitor, afinal, a pesquisa nasce desse olhar, a formação crítica.

1 APRENDIZAGEM DA LEITURA NO 6º ANO

Neste capítulo, abordaremos aspectos que fazem parte do processo ensino-aprendizagem na formação do aluno-leitor. Em específico, referimo-nos a alunos do 6º ano, oriundos de escolas municipais. Partimos da premissa que esses alunos trazem um mínimo de conhecimento da funcionalidade de sua língua materna, saindo de um estágio de alfabetizado e entrando em um estágio de letrado, capaz de interagir com novas informações. Procuraremos focar sempre o papel da leitura nesse processo de ensino-aprendizagem.

1.1 A importância da leitura no processo de aprendizagem dos alunos

Um garoto de aproximadamente sete anos viaja com sua família em férias. Ao longo da viagem, ele aprecia a paisagem e de vez enquanto compara árvores e flores que vê pelo caminho com as que têm no jardim de sua casa. O diálogo criado pelo garoto reflete uma leitura inicial que ele tem do mundo, do mundo em que vive para o mundo que lhe é apresentado a todo instante. O que procuraremos abordar nesta pesquisa é: como essas diferentes leituras podem colaborar para formação de um leitor crítico, partindo de um contexto específico, o ambiente escolar, pois nesse espaço lhe será oferecido diferentes formas de como ver o mundo e de como ele pode se relacionar a partir da leitura.

O foco do estudo são alunos do 6º ano, de uma escola pública estadual, com uma clientela formada por pré-adolescente e adolescente vindo de diferentes escolas municipais. Não pretendemos observar apenas alunos-leitores em uma disciplina específica, como em aulas de língua portuguesa, mas em todas as outras disciplinas, pois o ato de ler não é exclusividade de uma área do conhecimento, mas faz parte de todo o processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, discutiremos a formação de um aluno-leitor que possa ser crítico e que as leituras façam algum sentido para esse leitor.

A leitura oferece ao sujeito ferramentas de socialização e de acúmulo de conhecimento, e é algo natural do ser humano, pois a interação com o mundo e com as pessoas nos exige a todo o momento a leitura e a interpretação da realidade.

Segundo Smith,³ desde que possuam uma boa visão, que compreendemos a linguagem familiar, qualquer criança pode ter acesso ao mundo da leitura. O autor ainda enfatiza que não há qualquer exigência especial sobre a leitura em relação a que o leitor deva fazer que ele não faça em outro momento em que se exige colher informações de seu mundo. Ora, ler é pensar e o pensamento ocorre independente da situação. Sole salienta que a leitura “é um processo de interação entre leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer os objetivos que guiam sua “leitura”,⁴ ou seja, sempre se vai buscar uma objetivação naquilo que se lê.

Segundo a autora, essa definição porta várias análises. Em primeiro lugar, envolve a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto, implicando que sempre deve existir um objetivo para o que se lê, ou seja, lê-se para alcançar algum fim. Em segundo, dependendo do objetivo da leitura, a interpretação pode ser diferente. É o leitor que constrói o significado do texto, isto é, ele por si só não traz nada de significativo se não for explorado pelo leitor. O texto é como um brinquedo parado pronto para ser manuseado, dando assim vida e sentido para quem o toca.

O cuidado que se deve ter é com as possíveis leituras, pois o autor, ao escrever, expõe seus sentimentos em relação ao assunto e o leitor também expõe seus sentimentos em relação ao que está lendo. São as possíveis construções de significado, cada um se envolverá de acordo com o sentido que quer dar.

A questão é que o sujeito leitor que está inserido no contexto escolar se revela incapaz de executar uma leitura expressiva e, com isso, incapaz de apreender algo valioso nas leituras que faz ao longo do ano. O professor acredita estar ensinando e o aluno finge que está aprendendo, vendo significado nas atividades solicitadas pelo professor. Sem falar é claro nas leituras sem nenhum objetivo, com temas vazios e fora do contexto do aluno.

É durante as aulas que o aluno terá oportunidade de experimentar diferentes estruturas textuais, ou seja, contos, romances policiais, relatórios, obrigando o leitor a conhecê-los para que possa compreender as informações de modo apropriado. O que se observa é que o registro da língua se volta a uma modalidade particular, a escrita, e é necessário entendê-la, caso contrário o sujeito fica fora do contexto

³ SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p. 32.

⁴ SOLÉ, 1998, p. 22.

social. A primeira habilidade a ser desenvolvida é a compreensão dos códigos escritos.

Assim, uma revista em quadrinho lida em uma aula de geografia pode possibilitar a localização de um fato no tempo e no espaço, como em livros literários, se situar na historicidade, e nos artigos de jornais, buscando um paralelo com a própria realidade. Enfim, esse entrosamento ocorre porque há uma compreensão, uma troca, pois o leitor interage com os meios apresentados a ele.

É nesse momento que o aluno está desenvolvendo habilidades de reconhecimento das diferentes formas de escrita que a humanidade foi desenvolvendo durante a evolução cultural. Elas fazem parte da história e do dia a dia das pessoas, mesmo quando elas as ignoram.

Possibilitar que o aluno tenha contato com essas diferentes formas proporcionará um acúmulo maior de informações, permitindo ainda que ele seja capaz de interpretá-las e de compreendê-las em diferentes esferas. Assim, codificar o mais simples como a grafia de uma palavra, como usar o sinônimos de uma palavra, até conhecer e aprender outro idioma, com toda sua carga cultural, é dar oportunidade para que esse sujeito se movimente no mundo, e não restringindo seu conhecimento apenas à compreensão de uma fórmula matemática que pode nunca ser usada fora da escola, mas possibilitar que o conhecimento acadêmico lhe dê as competências necessárias para saber se virar em sociedade.

Não se pode esquecer que dentro desse processo de ensino-aprendizagem a leitura não se isola das demais habilidades, como a compreensão e a produção textual. Ambas se relacionam e se completam. No momento em que o professor pede para que o aluno escreva um pequeno parágrafo sobre o que leu, espera-se que ele consiga produzir uma nova informação e não reproduzir o que leu. Mesmo em séries como o 6º ano, o aluno já é capaz de realizar tal tarefa, mesmo que não domine toda a capacidade escrita, segundo os padrões da língua. O não conseguir implica que a leitura é insatisfatória, ou que a maturidade desse leitor não é suficiente para elaboração de um novo conhecimento, ou ainda que, com esse aluno, precisa ser trabalhada a esfera da escrita associada à esfera da leitura.

Três aspectos que muitos professores deixam de levar em consideração quando levam um texto para ser lido em sala de aula. Primeiro, porque o texto de

fato fuja do contexto do aluno não acrescentando em nada. A leitura nesse aspecto torna-se insatisfatória, pois não traz significado algum. O professor, nesse momento, precisa envolver seu leitor e criar estratégias para que nasça o mínimo de interesse. Quanto à imaturidade desses leitores, o professor mais uma vez lança mão de estratégias que possam colaborar para a compreensão do texto, por exemplo, abordando o tema antes da leitura dos alunos, permitindo que eles exteriorizem o que sabem sobre o assunto e, por fim, deixar de lado a preguiça, uma vez que muitos professores não gostam de trabalhar com produção de texto, pois requer do professor mais trabalho em ler o que o aluno produziu. Evidente que sem prática, sem o exercício da escrita, o aluno não conseguirá produzir nada.

É papel de quem ensina possibilitar ao educando todas as possibilidades de produção do conhecimento, não negando a ele esse direito. E, principalmente, fugir dos modelos tradicionais, exercícios com lacunas para ser preenchidos com palavras soltas e sem sentido.

Observamos que é na escola que muitos alunos têm de fato um contato com o texto escrito, ou seja, esse aluno traz consigo uma defasagem social, uma vez que a família, seu primeiro núcleo na construção do conhecimento, não possui o hábito da leitura e nem o incentivar a ter. É fácil verificar isso ao sondar o aluno com questões simples como quantos lêem o jornal no domingo, ou se já leram um livro que está na moda, ou ainda a pouca quantidade de alunos que procuram os professores, pedindo-lhes livros para lerem em casa. Daí a importância de se oferecer diferentes materiais escritos e de se ensinar a ler em nossas escolas, bem como o papel relevante que o professor tem como formador. Então, como fica a aprendizagem sem o hábito da leitura?

Possivelmente comprometida, uma vez que esse aprendizado deveria ocorrer desde o início da alfabetização, fazendo com que os pequeninos desde cedo manuseassem diferentes gêneros de textos, mesmo que ainda não dominem a leitura formal. Com isso, ao final do primeiro ciclo, eles já teriam o hábito da leitura estimulado. Indo para a segunda fase, do ciclo que vai do 6º ao 9º ano, os alunos iriam construindo outra relação de significado com os diferentes textos. Essa defasagem é verificada quando pedimos aos alunos que reproduzam o texto ou registrem com suas próprias palavras o que entendeu, constatamos que, em muitas vezes, eles reproduzem a linguagem do autor ou simplesmente não compreendem o

que estão lendo, mesmo que seja um anúncio de jornal, ou uma receita de bolo; nada faz sentido.

Outro exemplo para entendermos como a leitura vai construindo esse sujeito pode ser dado quando analisamos sua compreensão a respeito de um assunto qualquer. Por exemplo, ao usarmos a palavra casa, signo linguístico, aplicada em um contexto como em uma música, o aluno vai procurar significados para ela. A casa em questão pode ser a do autor do livro que estamos lendo ou do próprio aluno. Mesmo que ele não tenha uma, ainda assim será capaz de fazer uma leitura significativa sobre o assunto, pois faz parte de seu contexto social.

Se sua experiência como leitor estiver construída, ele será capaz de ir mais adiante e questionar o porquê da palavra casa naquele contexto. A casa em um texto jornalístico traz um significado diferente da casa cantada pelo músico Toquinho e o aluno-leitor será capaz de perceber as diferenças. Para alguns, a casa significará uma construção, mas para outros terá uma significação de lugar de refúgio, pois ele trará consigo uma percepção de mundo, do mundo que está inserido.

Paulo Freire, em uma de suas palestras, relata uma experiência de sua infância para demonstrar como trazemos em nossas vivências informações que podem muito bem interagir com as novas que estão sendo apresentada em sala de aula. Para ele, a leitura de mundo precedia a da leitura da palavra, pois trazia agregada a ela suas impressões. Para ele, a “leitura do mundo precedia a leitura da palavra daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”,⁵ ou seja, minha leitura complementar as outras leituras que venham a ser exigidas, estarei pronta para compreendê-las.

Freire entendia que não era possível ensinar alguém sem levar em consideração o que ele já trazia como bagagem, conhecimento, e é isso que observamos em nossas escolas: o abandono das experiências anteriores dos educando, considerando-os vazios e sem conteúdos significativos, como se o professor fosse capaz de preencher esse vazio, através dos conteúdos de cada disciplina, independentemente da significação que traga.

⁵ FREIRE, 1993, p. 11.

Respeitando a individualidade de cada um, suas experiências, será possível ensinar as outras formas de se ver e entender o mundo. Caso contrário, não haverá leitores críticos, mas leitores instruídos a pensar apenas de uma única forma. Não é isso que os autores querem quando lançam suas ideias no papel. Cabe a cada leitor buscar um novo sentido para o que está lendo.

Só há compreensão no que se lê se fizer algum sentido, pois a leitura implica em uma atividade de procura, a partir da vivência, os conhecimentos. Quando o aluno se encontra em sala de aula, é o professor que apresenta o conteúdo a ser estudado, é ele quem tenta fazer com que o aluno busque significado para aquilo que está lendo. Uma leitura dirigida e orienta possibilita uma compreensão maior do conteúdo, tendo assim sentido para o aluno. O fato é que se deve ensinar o aluno a ler, pois, se em seu universo social a leitura não é importante, quando estiver na escola também não verá sentido naquilo que lhe está sendo pedido.

Assim, fica evidente que o ensino da leitura é importante e necessário em nossas escolas, mudando, assim, o velho discurso de que o aluno não sabe ler, que não entende nada! De fato, o que ele não entende é o que fazer com aquilo que está sendo pedido a ele. O papel que a leitura deve ter é o da construção da aprendizagem, pois possibilitará que o sujeito em construção se liberte e perpassa por todos os caminhos para uma boa formação. Como construí-los caberá aos que estão envolvidos nesse processo, contribuindo dia a dia para essa formação.

1.2 O sujeito em construção

A leitura deveria ser vista como um fenômeno social, no qual o indivíduo social interfere em seu contexto, pois compreende e é capaz de reconstruí-lo. Não falo de um leitor qualquer, mas do leitor crítico, construído a partir de uma vivência social, partindo de seu ambiente escolar, pois, culturalmente, vivemos em uma sociedade que tem como marca o uso da escrita como característica e exigência para fazer parte dessa cultura. Se a escrita é a base social, é necessário que o aluno seja capaz de ler o que está escrito, pois não compreender significa que está fora ou à margem dessa sociedade. O aluno, na escola, tem a possibilidade de ampliar seu conhecimento e não se programar como uma máquina.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, a leitura é parte fundamental nesse processo de ensino–aprendizagem, uma competência a ser desenvolvida em todas as áreas do ensino regular.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significados do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que se sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita etc.⁶

É sabido que o domínio da leitura é essencial para se obter sucesso na escola, sendo necessário na maior parte das situações acadêmicas. A competência em leitura envolve um conjunto de habilidades que incluem, entre outras, a capacidade do leitor de criar suas próprias estratégias de compreensão adequando-as às características do texto, construir significado, identificar a macroestrutura, a microestrutura e a superestrutura do texto, estabelecer uma rede de relações entre enunciados, organizando as informações que compõem as diferentes partes do material, realizar inferências, localizar informações relevantes, avaliar a informação recebida e utilizar adequadamente a informação, é o que se espera de um leitor, não sendo indiferente a qual aluno, do 6º ano, que seja desenvolvido tais habilidades para que ele também se torne sujeito de seu saber.

Demo enfatiza que a leitura para compreensão, aquisição e retenção da informação requer um engajamento ativo por parte do leitor.⁷ Pesquisas vêm demonstrando que bons leitores compreendem melhor, lembram-se mais do que lêem e exibem um repertório mais vasto de estratégias de leitura do que o dos alunos que apresentam dificuldades nessa área. E isso fica evidente ao se trabalhar com docentes que já tiveram algum contato com diferentes tipos de materiais impressos, eles conseguem visualizar mais rápido as informações e interagir com elas. Diferentemente de docentes que vêm passando ano após ano com o mesmo tipo de material, por exemplo, o livro didático, principalmente quando esse tipo de material traz um caráter tradicionalista de reprodução das informações e não de reflexão sobre as informações. As estratégias usadas durante a leitura se limitam.

⁶ BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, 1997. p. 53.

⁷ DEMO, Pedro. *Conhecer e aprender: sabedoria dos limites e desafios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. p. 17.

É possível trabalhar com o livro didático, mas que ele não seja o único recurso. Além disso, é possível desenvolver diferentes estratégias durante a leitura para envolver o aluno e, com isso, valorizar a compreensão individual de cada um.

Assim, não se pode ignorar a importância de se trabalhar com diferentes formas de leitura em sala de aula, e não somente isso por si só, mas como essas diferentes possibilidades vão se constituindo e se relacionando com os diferentes conteúdos que serão apresentados a esse leitor. Através da leitura, o aluno apreenderá diferentes informações e será capaz de analisar e interpretar melhor as informações em seu dia a dia.

Ler é um processo individual construído a partir dos interesses do sujeito. No ambiente escolar, ao se propor uma leitura, deve-se objetivar explicar o porquê está sendo pedida tal tarefa, para que os alunos se interessem, pois muitos dos conteúdos ministrados nas aulas não trazem nada de significativo para o aluno e isso contribui para um desinteresse. O papel da escola e do professor é apresentar ao aluno muito mais do que ele está habituado ou que gosta de fazer, mas que, ao longo da existência humana, o conhecimento foi se acumulando e sendo passado de geração a geração. Ele, como sujeito inserido em um contexto social, não pode ficar alheio e precisa conhecer as produções dessa sociedade.

De maneira indireta, o aluno vai absorvendo um novo conhecimento, interagindo com as novas formas de significados que vão surgindo todos os dias em sala de aula. Ele ressignificará o mundo e a si mesmo nesse novo espaço cultural, reconstruindo fatos do passado no presente, inserindo-se em um novo tempo e ampliando suas memórias.

A capacidade de estabelecer objetivos na leitura segundo Kleiman é chamada de estratégia metacognitiva, ou seja, uma estratégia de controle e regulamento do conhecimento.⁸ Esse conhecimento metacognitivo é desenvolvido ao longo dos anos. O importante a destacar é que, independente da estratégia que se desenvolva, a leitura sempre levará o sujeito a um objetivo final. Seja durante uma aula, apreendendo o máximo de informações possíveis, seja de uma leitura sem compromisso como a de um livro de literatura, o objetivo será alcançado segundo a vontade do leitor.

⁸ KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 1989. p. 26.

Outro fator importante na construção de significação para a leitura se dá no momento em que o aluno é capaz de formular hipóteses. Para alguns autores, a leitura é em grande medida uma espécie de jogo de adivinhação, pois o leitor ativo, realmente engajado no processo, elabora hipóteses e as testa, à medida que vai lendo. É preciso lembrar ainda que nenhum texto está definitivamente acabado de modo que o leitor o receba de forma passiva, mas esse leitor será levado por seus interesses e expectativas, formulando hipóteses de leitura.

Ao levantar hipóteses, o leitor terá, necessariamente, que postular conteúdos e uma estruturação para esses conteúdos, isto é, terá que imaginar temas e subtemas. Ou seja, ao se propor um texto e esse for apresentado de forma objetiva, o aluno-leitor construirá significados prévios que podem ter algum significado, ou não, para aquele momento.

Um exemplo prático para se entender. Quando é levado para sala de aula o Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA, texto de caráter instrucional, de início, o professor fala sobre o que é o Estatuto, o porquê de sua criação, de como os direitos que ele garante podem ser exigidos e, em seguida, apresenta o texto escrito cuja linguagem está bem distante da que o aluno está habituado a ler. Mesmo assim, aos poucos os alunos começam a interagir e a ler de fato, apropriando-se das informações que acham mais relevantes. Mais adiante, quando o professor levantar alguma questão, eles opinarão de forma confiante, acreditando na leitura que fizeram. O que ocorre é a integração entre a leitura e as experiências dos alunos diante do texto.

Uma vez que o leitor conseguir formular hipóteses a partir de sua leitura, demonstra que ele está utilizando sua autonomia, buscando através de seu conhecimento prévio, nos elementos formais como títulos, subtítulos, datas, fontes, ilustrações, assim como passa a ter um caráter de verificação dessas hipóteses, por meio do teste, checando e confrontando as informações para que seja capaz de elaborar seu próprio conhecimento.

Evidentemente, os alunos de 6º ano sentirão dificuldades no início dessa nova caminhada no aprendizado do que ler, mas, ao longo do ano letivo, e com a variação das atividades, esses alunos, ao sair desta série, poderão ter uma criticidade bem maior do que aqueles alunos que nunca foram tentados a fazer diferentes leituras ao longo de sua caminhada escolar, pois a jornada é longa e

cheia de obstáculo. Não se torna leitor ativo de uma hora para outra, mas, na realidade, ao longo da vida.

1.3 A construção crítica no leitor do 6º ano

Dominando a leitura e a escrita, o aluno do 6º anos começa a participar de maneira consistente na vida estudantil. Os professores que lecionam nos dois últimos ciclos do Ensino Fundamental (que correspondem da 5ª à 8ª séries, hoje do 6º ao 9º ano), e mesmo no Ensino Médio, sabem muito bem que as salas de aula apresentam realidades completamente distintas, onde uma grande parte dos alunos ainda não domina totalmente as competências necessárias para estarem nesses anos.

Os alunos, pelos mais variados motivos, realizam com muita dificuldade ou precariamente a leitura. Até mesmo a decodificação de palavras e frases é feita com limitações, um estágio de alfabetizado, trazendo sérias repercussões para a compreensão do que se lê, uma vez que ainda não está habilitado a realizar uma leitura competente.

Como muitos autores já observaram, só se aprende o que pode ser decodificado pela linguagem, em suas diversas formas de expressão. Não por outro motivo, ela é o principal suporte para os saberes escolares. Sem a leitura, nada se constrói; o saber fica paralisado e suspenso, pois não permanece.

Portanto, o trabalho com a linguagem oral e escrita, sendo esta a mais importante, certamente não pode se limitar às aulas de Português. Como consequência, os professores especialistas de cada disciplina, que ministram aulas de Geografia, Matemática e outras, precisam agregar ao rol de variáveis que orientam seu trabalho mais uma: uma metodologia para o desenvolvimento da linguagem, particularmente daqueles aspectos que são próprios de sua área, em que predominam textos expositivo-dissertativos, deixando de lado as aulas, resumos e questionários que não contribuem para uma formação crítica e eficiente.

O aluno vai se deparar com gráficos e tabelas no livro de geografia, e interpretar as informações nele é importante para execução de uma atividade ou para uma reflexão maior sobre o assunto estudado. Esse tipo de informação aparece com muita frequência nos materiais didáticos disponíveis nas escolas. Se o

professor não o trabalha, como o aluno conseguirá absorver as informações contidas neles?

Silva assinala que a leitura envolve um trajeto de investigação cuidadoso e lento, pois exige uma série de reflexões de caráter interdisciplinar.⁹ Exige uma série de reflexões de caráter interdisciplinar. Deste modo, o que se entende é que a leitura se constrói em uma relação com os demais saberes (experiências pessoais, de interação com meio, etc.) complementando entre si, sendo assim essencial para qualquer área do conhecimento que o indivíduo esteja envolvido.

Para o professor que entende a importância desse aprendizado, passa a usá-la como uma ferramenta contra a massificação de ideias que vêm sendo instaurada em nossa sociedade, principalmente pela mídia, criando um campo fértil de debate e reflexão para o desenvolvimento da autonomia e da autenticidade do educando.

É um ir mais além, além do conteúdo escolar simplesmente, mas como afirma Silva, “o propósito básico de qualquer leitura é a apreensão dos significados mediatizados ou fixados pelo discurso escrito, ou seja, a compreensão dos horizontes inscritos por um determinado autor, numa determinada obra”,¹⁰ interagindo e participando de forma autônoma com as ideias dos autores.

Deste modo, compreende-se que ler é construir significado, ou seja, a leitura é um processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita, sendo o leitor um sujeito ativo que interage com o texto. Portanto, quando pensamos na leitura com finalidade pedagógica, só podemos dizer que ela foi eficiente se resultar em aprendizagem e mudança de postura. E não restringir apenas em uma aprendizagem sistemática dos conteúdos para um único objetivo, como se sair bem em uma avaliação ou para ter um conceito, mas aprendizagem que possa ser levada com o indivíduo ao longo de sua vivência.

Provavelmente muitos adultos dessa geração passaram pela escola com o pensamento apenas de se aprender os conteúdos de cada disciplina sem se preocupar com o valor real que o aprendizado pode dar, aprenderam tudo sozinhos porque não fazia parte das preocupações dos professores propiciar momentos de

⁹ SILVA, Ezequiel Teodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992. p. 30.

¹⁰ SILVA, 1992, p. 43-44.

reflexão sobre o próprio ato de ler – importava apenas o resultado que a leitura poderia oferecer de imediato, o que se compreendia mediante a verificação por meio dos questionários, prevalecendo a quantidade e não a qualidades das leituras.

O que se espera de um aluno do 6º ano é que, diante de um texto escrito, tenha autonomia suficiente para realizar operações que vão desde a decodificação da mensagem em seu aspecto literal até o estabelecimento de um conjunto mínimo de relações estruturais, ampliando a significação do texto a ponto de haver, efetivamente, apropriação da mensagem, do significado, na multiplicidade de relações estabelecidas entre texto, leitor e mundo.

Espera-se então que sejam apresentados a esse aluno diferentes tipos de textos e de gêneros para que ele seja capaz de compreender as mensagens contidas em cada um deles sem dificuldades. Uma integração com as diferentes formas escritas que estão a nosso dispor como sociedade fixada na escrita: contos, crônicas, romances, letreiro... o leitor atuando sobre as informações implícitas em cada um. Construir essa competência não é fácil e tampouco desnecessário, uma vez que as avaliações que medem os índices de aprendizagem exigem exatamente essas competências de um bom leitor: interação com a ficção e o real, com o mundo que vive.

O ato de ler em sala de aula, muitas vezes, é prejudicado por falsas interpretações do que seja ler realmente, ficando-se agregado a questões massificadas: “qual a mensagem do texto”, “o que o autor queria dizer”. Não se estimula a compreensão das relações internas que o texto estabelece em sua teia de relações. O texto, seja qual for, está ligado a uma teia de relações e sentidos que deixam de ser explorados. O aluno dessa série já é capaz de fazer diferentes leituras, pois traz consigo uma bagagem de vivências.

As autoras Ana Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi¹¹ trazem em sua obra essa discussão em relação à importância de se levar em conta as leituras, as vivências, sugerindo em seu livro didático propostas de atividades que priorizam a reflexão, perpassam pelas experiências individuais de cada educando, para depois interagir com os textos e com os autores. Um leitor competente também é competente em sua criticidade. E só saberemos se ele é capaz ou não de elaborar

¹¹ BORGATTO, Ana; BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera. *Tudo é linguagem: Língua Portuguesa*. 5ª série. São Paulo: Ática, 2007. p. 4-5.

hipóteses no momento em que pedimos que faça. Saindo da oralidade para a competência da escrita, ou seja, se é capaz de expor suas idéias por intermédio da escrita, habilidade também exigida.

Orientar a leitura dos alunos de modo sistemático pode representar uma valiosa contribuição para melhorar seu desempenho. O primeiro passo é definir claramente um objetivo para a leitura que será realizada em casa ou em classe; é importante que se saiba que atividade será feita depois do término dela (uma conversa sobre o assunto, um debate, a resolução de um questionário, etc.). Demonstrar a estrutura do texto por meio do título e dos subtítulos, que envolvem subordinação de ideias ou a passagem de um aspecto para outro, por exemplo, e outros marcadores utilizados pelo autor, que, além de facilitar a leitura, podem contribuir em situações em que o aluno seja ele próprio o produtor do texto, empregando os mesmos recursos adequadamente.

Saber selecionar informações, diferenciar a ideia principal das secundárias demonstra maturidade diante do que se pede. Segundo Sole, quando grifamos o texto ou identificamos seus marcadores, estamos realizando operações que nos garantem o comando e o controle sobre a leitura. Competência esperada de um leitor como o sujeito atuante na construção do conhecimento.¹²

Tanto quando trabalhamos com um capítulo do livro didático como quando temos em mãos um artigo de jornal ou revista, podemos, após a compreensão do conteúdo, discutir com a turma como foi que o autor o organizou (que tipo de título escolheu, direto ou fazendo uso de uma metáfora?, como articulou as ideias centrais, um parágrafo para cada uma?, etc. Igualmente valioso será refletir qual ou quais trechos foram os mais difíceis, tentando identificar a razão da dificuldade para um registro futuro e quem sabe para um debate em grupo.

Apenas na escola, os alunos poderão experimentar situações coletivas de reflexão dessa natureza, percebendo as dificuldades pessoais e as de seus colegas, o que poderá ajudá-los em inúmeras situações pela vida afora. É o momento de ouvir e falar exteriorizando os conhecimentos já existentes.

Assim, eles realmente podem aprender a aprender. O fato de orientarmos a leitura não significa, entretanto, que impeçamos os alunos de realizarem uma

¹² SOLÉ, 1998, p. 83.

apropriação própria dos textos. Isto, a rigor, é impossível. Entretanto, em todo texto dissertativo científico, como são os de História, essa apropriação não se dá de modo totalmente livre, como em um texto poético, por exemplo, mas dentro de certos limites, postos pelo(s) autor(es), o que poderá ser naturalmente contestado pelo leitor.

Se for importante que os alunos saibam para que estão lendo, é fundamental que o professor esteja seguro de dois pontos básicos. Primeiramente, o texto selecionado de fato oferece condições para se alcançar os objetivos propostos (a linguagem está adequada às capacidades cognitivas dos leitores; o texto contempla os objetivos propostos)? Em segundo lugar, tanto o objetivo como os textos oferecem motivação para a realização da tarefa?

Além disso, a leitura de diferentes textos exige diferentes estratégias que somente a escola pode desenvolver, por intermédio dos professores, com seus conteúdos e valores agregados a cada um. Assim, em história, os fatos e as personagens destes fatos; em matemática, a lógica nos dados; em geografia, a posição e a reflexão dos fenômenos sociais... Tudo em uma dinâmica de significado e de forma.

Quando aprendemos significativamente, ocorre a memorização compreensiva pelo processo de integração da nova informação. Essa memorização – diferente da memória mecânica – faz com que a possibilidade de utilizar o conhecimento integrado – sua funcionalidade – para a resolução de problemas práticos (entre eles, cabe ressaltar o fato de continuar aprendendo) seja muito elevada.

A autora Isabel Solé faz duas outras observações de grande relevância para nós:

[...] à medida que sua leitura [do aluno] o informa, permite que se aproxime do mundo de significados de outro autor e lhe oferece novas perspectivas ou opiniões sobre determinados aspectos [...] A leitura nos aproxima da cultura, ou melhor, de múltiplas culturas [...] Diz mais: a leitura é um componente cultural da maior relevância em sociedades letradas como a nossa, que faz do domínio do seu uso um elemento de distinção social. Capacitar nossos alunos para que sejam leitores competentes é sem dúvida municiá-los com uma arma muito poderosa.¹³

¹³ SOLÉ, 1998, p. 83.

Capacitar o aluno do 6º ano é, antes de tudo, auxiliá-lo a ter acesso a diferentes culturas e a participar como sujeito em nossa sociedade letrada como um elemento ativo e atuante. Ressaltamos ainda que o foco desta pesquisa é o aluno da série em específico, mas o ensino da leitura não finda nesta série, é contínuo e permanente para a formação plena do leitor competente.

Formar um aluno-leitor não é uma tarefa simples, mas necessária, uma vez que é na escola que todos depositam as esperanças de uma sociedade melhor. No entanto, não se pode esperar que o professor sozinho consiga executar essa tarefa. Todos precisam estar engajados e, principalmente, o aluno precisa querer e estar disposto a construir sua autonomia como leitor capaz de produzir conhecimento. É o que se espera.

Evidentemente, o lado crítico que se espera construir no aluno não surgirá excepcionalmente no 6º ano, ou o professor dessa série conseguirá formá-lo, deixando de olhar para esse aluno como se eles estivessem ainda em um primeiro estágio de sua formação. Ele é um ser capaz de interagir com o que lê. Assim, sua formação será continuamente estimulada e crescente. Podemos dizer que, ao final desse ciclo, o aluno ainda não tem uma criticidade aguçada, mas um bom grupo será capaz de exteriorizar suas percepções sobre o mundo e sobre a vida, pois é o que se espera.

No próximo capítulo, pretendemos discutir um pouco mais sobre essa formação crítica, mas analisando o papel do professor e da escola como agentes do processo de ensino-aprendizagem, focando ainda alunos de 6º ano que é o nosso objeto de estudo.

2 VIVÊNCIAS E RELAÇÕES EM SALA DE AULA COM ALUNOS DO 6º ANO

Trabalhar em sala de aula não é uma tarefa muito fácil em nossos dias, uma vez que temos que conviver com a falta de respeito para com o professor, com a falta de interesse dos alunos e com a falta de apoio dos pais. Este capítulo procura construir um diálogo entre essa relação difícil e possíveis caminhos para conquistar o alunado e, com isso, possibilitar o ensino-aprendizagem.

2.1 Vivências em sala de aula: um diálogo metodológico

Em nossa realidade escolar, os alunos do Ensino Fundamental da primeira fase estudam em escolas municipais. Como nossos municípios não acolhem esses alunos até o fim desse ciclo, obriga-os a deixar a escola de origem, sendo levados a outras. Essas, por vez, de caráter estadual com uma realidade bem diferente. O impacto que essas crianças sofrem cria uma insegurança e euforia que acaba contribuindo para que o aprendizado não seja satisfatório no primeiro bimestre da chegada dos mesmos.

A experiência vivenciada na escola possibilita observar os encantamentos que se constroem em volta do novo ambiente escolar. Todos os anos entram alunos oriundos de outras escolas municipais e particulares em um ambiente diferente do habitual. Em uma dessas chegadas observamos o comportamento de um grupo de alunos que estudaria conosco no ano de 2008. O objetivo dessa observação era entender o porquê de tanta dificuldade dentro dessa série, 6º ano, e de como poderíamos ajudá-los nessa nova etapa.

O acolhimento aos novos alunos é de suma importância para construir uma relação de cumplicidade necessária para a aprendizagem. É necessário construir uma nova relação de confiança entre os professores e esses novos educandos. A construção de uma boa relação nas primeiras semanas colabora para que, ao longo do ano, as atividades propostas sejam construídas com maior interação. Além do mais, o foco dessa pesquisa é a busca por possíveis respostas de como podemos construir um leitor competente e crítico, inserido nesse ambiente escolar.

Tínhamos uma relação complicada com essa série, uma vez que eram alunos vindos do 5º ano (4ª série) em específico, pois a maioria dos professores que

trabalhavam com essa série eram professores volantes. Em nosso Estado, ainda são contratados professores para suprir o déficit de professores, e no fim do ano são dispensados. Estes são conhecidos como professor de contrato. Muitos não possuíam formação e habilidade didática e nem uma metodologia adequada para trabalhar com esse público. O resultado disto era um alto índice de reprovação, turmas indisciplinadas e as turmas das séries seguintes com déficit de aprendizagem. Com isso, foi necessário repensar como trabalhar com esse público. O debate acabou gerando uma inversão, retirando os contratados dessa série e colocando professores habilitados e do quadro permanente, evitando assim a troca de professores ao longo do ano.

As primeiras turmas que participaram desse processo apresentaram resultados positivos no que diz respeito ao ano seguinte. Não só a mudança do quadro de docentes, mas a nova forma de acolhimento fez a diferença. Um bom exemplo é do João,¹⁴ apresentado a seguir.

Um garoto de aproximadamente 11 anos entra em um ambiente totalmente estranho, uma nova escola, um novo olhar. Seus olhos brilhavam. Era mistura do medo e da euforia para conhecer a nova escola. Ele agora sentia um sabor estranho, pois saindo de uma escola municipal pequena para uma estadual, com o dobro do tamanho da de sua realidade antiga, o fascinava. João, de estatura pequena, mas de olhar vivo e ativo, foi logo chamando a atenção dos demais colegas: “olhem, vai subir as escadas, quero olhar lá de cima”. Contido, foi logo orientado a esperar os demais. Depois, fomos para o pátio para fazermos uma atividade de leitura e, mais uma vez, João se apresentou curioso, presente, admirado pela cantina: “tia qual é o lanche, lá na antiga escola o lanche era bem gostoso!”.

No final de uma semana, pedi que a turma relatasse as descobertas que tinha feito na nova escola. Foi incrível, a euforia era geral, Lucas¹⁵ era o que mais falava. Daniela,¹⁶ outra aluna, foi logo reclamando: “no banheiro não tem papel, mas tem um espelho bem grande. Dá para arrumar o cabelo”. E João disse: “senti falta

¹⁴ Os nomes de alunos que serão utilizados são todos fictícios. Eles foram escolhidos aleatoriamente.

¹⁵ Os nomes de alunos que serão utilizados são todos fictícios. Eles foram escolhidos aleatoriamente.

¹⁶ Os nomes de alunos que serão utilizados são todos fictícios. Eles foram escolhidos aleatoriamente.

da lixeira da sala”. Dessa experiência, o que ficou é que a curiosidade do grupo foi o primeiro impulso para as novas descobertas e para as novas leituras de mundo que iriam fazer a partir de agora.

Falamos de uma nova realidade de aprendizagem. Sabe-se que alguns fatores influenciam dentro da aprendizagem e a localidade em que esse indivíduo se encontra pode colaborar para o sucesso ou fracasso. Observar alunos de 6º ano que chegam a uma realidade completamente diferente da que estavam acostumados pode ser um ponto inicial de observação. Como ele vai construir essa relação com a aprendizagem e, principalmente, que leituras ele fará de agora em diante? Alguns aspectos devem ser levados em consideração, esse aluno agora passa por um processo de ambientação, uma vez que deixa para trás um ambiente confortável e seguro.

Todos os anos, o Colégio Estadual Prof.^a Lourdes Oliveira Sampaio recebe alunos de diferentes escolas municipais da região. Alunos de contextos sociais diferentes, de bairros também diferentes, que estão habituados a um tipo de ensino centrado na figura de um professor, no máximo três, e passam agora a conviver com mais professores de linguagens e disciplinas atípicos. Ele sai de um estágio interdisciplinar para um disciplinar, ou seja, um único professor puxa um gancho daqui e dali e amarra os conteúdos. No projeto e na estrutura disciplinar, os ganchos se desfazem, pois ao término do tempo, o outro professor que entra não liga o conteúdo anterior com o seu. Os alunos agora passam por um estágio de chavinhas, liga uma para português e, daqui a pouco, desliga. E liga a chavinha para matemática. Cinquenta minutos para apreender o máximo e estar pronto para aprender novamente.

Além, é claro, do número de disciplinas que todos os dias ele passará a ter, uma vez que no 5º ano ele tem uma organização bem diferente, com um tempo maior para explorar os conteúdos das disciplinas. Agora o tempo é limitado, organizados em horários determinados para cada disciplina. O professor de geografia, história, matemática, arte ou português voltará sua atenção para seu conteúdo sem se preocupar como esses alunos em questão estão se adaptando a essa nova realidade. Na realidade, as escolas que trabalham com o segundo ciclo do Ensino Fundamental se esquecem quem é o público que terão, deixando de lado

os aspectos apresentados, dedicando-se exclusivamente a questão dos conteúdos a serem cumpridos ao longo do bimestre.

Surge a necessidade de um entendimento em relação a esse aluno que vive em um momento ímpar de sua elaboração de conhecimento. Em um passeio dentro da escola, para fazer o reconhecimento de suas dependências, conheceram a coordenação, os banheiros, a sala dos professores, o laboratório de informática, o laboratório de química e, quando retornaram para sala de origem, algumas expressões logo chamaram a atenção: “voltamos a nossa sala”, “essa é a minha sala”. Em dizer “essa é a minha sala”, o que vem à mente é que agora o garoto assustado consegue ver-se inserido nesse novo contexto, a cada descoberta uma nova leitura de mundo.

A metodologia a ser usada com esse grupo agora é bem diferente das anteriores. Primeiro, porque o aluno não era visto como um sujeito em formação, mas como um recipiente em que todo conhecimento é depositado e derramado. O olhar que os professores dispensavam agora é voltado para o sujeito em formação. Nessa perspectiva, o professor conduz dentro de seu trabalho todo o material que será estudado, desde o livro didático, os livros complementares, as paisagens, as imagens e o mundo a ser apresentado, auxiliando na interpretação para que se estabeleça algum significado para o aluno.

O que houve foi uma revolução, todas as disciplinas se envolveram na nova proposta de trabalho e promoveram experiências, criaram situações novas para que os alunos também tivessem uma nova postura em relação às disciplinas e aos conteúdos, tornando-se críticos diante do ensino. Tudo isso só foi possível quando a leitura passou a ser o carro chefe, antes mesmo dos conteúdos. Uma leitura diversificada com material diversificado. Professores de diferentes áreas complementavam suas atividades com material complementar e não se dedicavam apenas ao livro didático como único recurso.

A equipe de professores agora diversificava as atividades, possibilitando que os alunos tivessem contato com material diversificado, além de promover atividades complementares como visita ao laboratório de informática, apresentações no pátio, atividades mimeografadas como cruzadinha, caça palavras, artigos jornalísticos, informativo de supermercado, todo e qualquer material impresso que servisse como

fonte de pesquisa e de curiosidade foi usada. E mais, os alunos agora eram os produtores do conhecimento, pois participavam na elaboração e na execução.

O que houve foi uma mudança de foco, o aluno se tornou prioridade, depois o conteúdo. A prática pedagógica mudada para atender a um novo público. A dificuldade em sala de aula como conversa, brincadeira e desinteresse continuam, pois fazem parte do cotidiano escolar. Porém, um grupo bem maior se destacou com produções individuais, o sujeito-autor de seu conhecimento.

Evidentemente, não podemos atribuir exclusivamente à mudança de metodologia, mas atribuir pontos principalmente para reflexão pedagógica. Às vezes, é mais fácil culpar o sistema e os alunos pelo fracasso escolar do que rever o papel que o professor vem desempenhando. Essa reflexão deve ser constante, sem medo de mudar ou de rever os conceitos. O professor é o principal agente dentro do processo de ensino-aprendizagem e deve estar atento para isso, percebendo e interagindo com seu aluno. Antunes afirma:

Se aceitarmos e valorizarmos nossos alunos, se os considerarmos capazes de desenvolver competências e habilidades, se reservamos tempo para ouvi-los, contribuiremos para desenvolver padrões consistentes e realistas, sintam-se encorajados a não se intimidar com o fracasso e aprendam a agir de forma independente e responsável.¹⁷

Assim, como João se sentiu seguro no novo ambiente, também se sentiu seguro para executar as atividades pedidas a ele. Uma relação de confiança e respeito construída principalmente pelo professor que o conduzirá ao longo do ano, encorajando-o sempre a desvendar o novo, agindo com autonomia e segurança para que o aprendizado se torne significativo e prazeroso.

Independentemente do que se pensa, é papel da escola promover esse acolhimento, uma vez que muitos destes alunos permaneceram na escola por um bom tempo. No próximo tópico, focaremos mais o papel do professor nesse processo.

¹⁷ ANTUNES, Celso. *Relações interpessoais e auto-estima: sala de aula como um espaço de crescimento global: o projeto*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 32.

2.2 Professor e aluno em uma construção de confiança

Trocando experiências com colegas de diferentes áreas em um momento de folga, inúmeras ansiedades foram compartilhadas em relação às turmas do 6º ano. Um ponto em concordância era o fato da turma de alunos serem considerada muito grande. Isto impedia, muitas vezes, um contato mais direto com os alunos. Outro problema identificado pelo grupo era o fato de algumas turmas terem muitas notas vermelhas, principalmente na disciplina de história. Isso preocupava em muito a professora. Era necessária uma mudança de postura e de metodologia.

O fracasso escolar, muitas vezes, está relacionado ao despreparo do professor, à falta de recurso dentro da escola, à violência dentro e fora do ambiente escolar, ao desinteresse dos pais pelo ensino e à baixa aprendizagem que os alunos trazem ao longo de sua vida estudantil. O ponto aqui é que sempre acaba recaindo sobre o professor o insucesso do aluno e é sua responsabilidade reverter a situação.

Então, sugerimos uma proposta de trabalharmos em equipe pelo grupo de professores, procurando utilizar uma metodologia diferenciada e sistematizada a fim de obtermos resultados positivos e com isso ajudar para que a disciplina de história não tivesse tantas notas vermelhas. Sempre que possível, o grupo trocava ideias. A professora Joana,¹⁸ como a chamaremos, passou a levar material diferenciado como artigos de jornais que tratassem do tema da aula, como foi o caso das queimadas em nossa região. Depois da leitura desse material, era aplicada também uma atividade diferente, desde cruzadinha até pequenos relatórios eram pedidos para os alunos durante a aula. A professora percebeu que ao levar outros materiais para sala de aula os alunos se interessavam mais pela aula. A leitura diversificada e a fuga das atividades mecanizada colaboraram para que um quadro tão negativo se revertesse. Para a professora, foi muito positiva essa mudança, pois ela resgatou o prazer de ensinar novamente.

O foco era o trabalho diversificado, mas voltado para um elemento fundamental dentro da construção do conhecimento, a leitura. O aluno sentia dificuldade em história, em geografia, em português e em matemática, o que era comum acontecer em disciplinas que exigiam o mínimo de compreensão, ou seja, de leitura. O que faltava naquele momento era uma suficiente e eficaz condição de

¹⁸ O nome da professora é fictício.

apropriação do conhecimento. Por isso, a necessidade de mudança nas metodologias aplicadas por tanto tempo.

O que intrigava era o fato de usar diferentes linguagens e o resultado atingido não era satisfatório. Daí, questionamentos logo foram lançados ao grupo: “será que o problema não está em nossa forma de trabalho em nossa metodologia, estamos lidando com um grupo cheio de energia?”; “Poderíamos usar outras formas para trabalharmos com essas turmas?”. Diante desses questionamentos, as tentativas de mudanças foram sendo colocadas em prática, trazendo textos diversificados, atividades mimeografadas ou fotocopiadas, imagens e vídeos para mudar um pouco a rotina. Principalmente o tipo de texto apresentado ao aluno saía da rotina, variando de contos a textos informativos e, com isso, os alunos eram obrigados a aprender uma nova forma de leitura para se apropriar das informações contidas nesse tipo de texto.

As demais disciplinas também mudaram e, no ano de 2007, os índices de reprovação foram mínimos. Os estudantes que seguiram para as séries seguintes estavam conseguindo desempenhar bem seu papel de leitor-sujeito.

É evidente que esses alunos estavam desempenhando sua autonomia de leitor, pois já reconheciam e interagiam com os diferentes materiais que lhe foram apresentados ao longo dos anos.

Além disso, sempre que possível, compartilhávamos experiências, selecionávamos textos, pesquisávamos na internet alguma atividade nova. E, ao final de cada reunião pedagógica, um novo planejamento surgia. Ao final de cada bimestre, comparávamos os gráficos. A leitura que fazíamos agora era bem diferente. A mudança de postura e método para algumas disciplinas foi bastante positiva.

A responsabilidade da aprendizagem do educando está nas mãos de todos. Não é fácil repensar o trabalho, pois, às vezes, a ideia do fracasso e da incompetência é algo assustador para qualquer professor. Então, é preferível jogar a culpa no sistema, na escola e, principalmente, no aluno, sem de fato refletir sobre quem é esse aluno e o que ele espera daquilo que está sendo apresentado. Retornar é possível sem medo, sem frustrações. Ensinar requer constante vigilância,

observar o que está dando certo e refazer o que não deu, buscando sempre levar em consideração o sujeito que está sendo construído naquele momento.

A matéria bem dada pelo professor não implica no aprendizado dos alunos de fato. Cada aluno aprende com seu próprio ritmo e tempo, focando seus interesses individuais. Interagir apenas com o que o professor fala é muito pouco, pois reflete apenas a ideia de uma única pessoa. A leitura de outras matérias complementa as informações dadas pelo professor, possibilitando assim que o aluno confronte as informações e seja capaz de formular outra.

Retira-se, assim, do ombro dos professores toda a responsabilidade pelo aprendizado dos docentes. Cada ser humano é um agente de suas próprias conquistas que vão depender de seu esforço e envolvimento, isto é, sem envolvimento com o conteúdo não há nada que possa ser feito para que aconteça o aprendizado.

Questionamos se de fato dessa mudança dava apenas conta das atividades extras ou dava conta dos textos complementares que eram levadas para sala de aula como o jornal, por exemplo. Bem consciente, a professora respondeu que não era apenas por conta dos materiais, mas pelo fato que os alunos agora liam mais, que os materiais extras aguçavam a curiosidades deles e com isso liam mais.

O fator leitura pesou muito para essa mudança de comportamento desse aluno. O discurso agora vinha de uma professora de história, mas poderia vir de outro qualquer. O fato é que o professor de língua portuguesa sempre é cobrado pelos demais como se o aluno devesse aprender a ler só na aula de português e não nas demais disciplinas. A tarefa de ensinar a ler e a escrever um texto de matemática é do professor de matemática e não do professor de português, e assim por diante. A leitura perpassa por todas as áreas do conhecimento e vai além. Ela está presente na vida diária do indivíduo, e, como tal, deveria ser priorizada por toda escola.

O professor que apresenta ao aluno o que lê, conduz a interpretação e estabelece significado, pois o que se lê tem relação com o mundo em que se está inserido, com experiências pessoais. E, na construção de confiança entre professor-aluno, mostra que também lê e essa leitura pode ser compartilhada, ajudando os alunos a terem confiança naquilo que eles lêem. Aluno e professor, lendo e

assumindo sua tarefa de mediador da leitura, escrevendo e dialogando, haverá mais na escola que mera reprodução.

É na sala de aula que o professor ensina por sua presença e sua atuação a importância da leitura, apresentando livros, sugerindo, discutindo e aprofundando os assuntos, respondendo perguntas e lendo com seus alunos. É na sala de aula que se cria o lugar de criação de vínculo com a leitura pela inserção do aluno na tradição do conhecimento. Tanto o professor quanto os alunos devem viver a experiência da descoberta da leitura e da escrita.

É necessário criar dentro da escola um ambiente de troca e de confiança, para que seja possível uma construção de qualquer conhecimento. Isto é dever dos professores de todas as áreas. Em vez de ficarem restrito às velhas reclamações – “os alunos não gostam de ler” – deve-se dedicar e propiciar muitas e muitas oportunidades para que todos descubram o ato de ler, verificando que ela pode ser uma atividade muito interessante e prazerosa.

Essa experiência nos proporcionou um pensar. A escola, como um todo, deve e pode colaborar para a formação desse novo cidadão que está inserido em um mundo em permanente mudança, oferecendo leituras cada vez mais exigentes quanto à qualidade. Um bom leitor pode ser também um bom escritor, capaz de reescrever sua própria história. Ensinar é dar condições ao aluno para que ele se aproprie do conhecimento histórico construído e se insira nessa construção, como produtor do conhecimento.

A leitura que temos agora é que o garoto do início de nossa narrativa não é mais aquele garoto assustado, mais um sujeito inserido no contexto e agindo sobre ele. Não se pode restringir o aluno a apenas um tipo de texto ou a um tipo de conhecimento ou de linguagem, pois nem todos compreendem da mesma maneira. Os significados surgem à medida que o que se está ouvindo ou lendo tenha alguma importância. Ao se propor uma mudança na metodologia usada, o professor deve estar atento a esses fatores e pronto para mudar.

Permanecer apenas no livro didático impede que o aluno tenha outros olhares, outros sabores, outras degustações do mundo, pois o conteúdo vem fragmentado em uma linguagem que está bem distante da usada pelo aluno. Não quero dizer aqui que a linguagem científica não deva ser trabalhada, pelo contrário,

trabalhar sim com ela, mas lembrando que a maturidade de um aluno de 6º ano está bem aquém e cabe a mim, professor, interpretar com esse aluno essa nova linguagem. Um bom caminho a ser seguido é quando o professor faz a leitura oral antes de pedir que os alunos o façam, pois lendo, colocando a entonação e a pontuação correta, o aluno será capaz de ler e, principalmente, entender o que está lendo.

Sempre que for necessário, deve-se pedir para que se façam relatórios, pois eles podem dizer muito se houve ou não a compreensão por parte do alunado. Além disso, não se pode esquecer que a oralidade deve estar presente nas aulas, saber se expressar nos remete ao fato de que conseguiu interagir com as diversas leituras. Ler, escrever e se expressar é o que se espera de um aluno-leitor. Essa construção se fortalecerá na segunda fase do Ensino Fundamental, mediado pelo professor e pelas diferentes formas de escrita que temos em nossa sociedade.

2.3 Diferentes tipos de textos e de gêneros textuais

Ao se trabalhar com alunos de 6º ano, deve haver a preocupação de se criar um ambiente de confiança e de respeito. É em sala de aula que o aluno criará novos hábitos e se depara com diferentes formas de registro escrito que circulam em nossa sociedade. Assim, não se deve restringir a leitura a um tipo de texto e gêneros textuais. O leitor pode buscar diferentes informações em diferentes textos, tanto para uma leitura sem compromisso de uma obra literária quanto para a leitura de um manual para instalação de um eletrodoméstico. O leitor é quem vai construir essa objetividade para sua leitura.

O professor apresenta o que será lido, procurando variar ao máximo os tipos, possibilitando assim que os alunos conheçam as diferentes formas de produção escrita que a humanidade inseriu na cultura de um mundo letrado. Livros, textos ou paisagens... Tudo se torna objeto de leitura.

Criando situações, esse novo leitor será capaz de dominar e de reconhecer os variados recursos para a comunicação humana, presentes em nosso dia a dia, levando em consideração que a escola pode ser o único local onde esse aluno terá contato com esses diferentes recursos.

Um ponto relevante é a compreensão por parte do professor de que o aluno é o sujeito de sua própria aprendizagem e que seus erros podem representar uma tentativa de acerto. E o contato com materiais escritos trazidos por diferentes veículos disponibiliza ao aluno a elaboração de hipóteses que ora serão expostas oralmente, ora em forma de texto e aí sendo exigido desse aluno não apenas a compreensão, mas a habilidade para reconhecer os diferentes gêneros ao qual o material pertence, de organização das ideias pautadas dentro do gênero assim pedido pelo professor.

Existe hoje uma pressão muito grande sobre as escolas e, principalmente, sobre os professores do Ensino Fundamental, para que os alunos sejam ensinados de forma eficiente a ler e a escrever, não para que o aluno se torne de fato um sujeito de sua história, mas para que sejam capazes de fazer uma prova e se tornem bons dados estatísticos para avaliar o ensino.

Avaliações como a *Provinha Brasil* e o *Saeb* colocam em sua matriz as competências e habilidades esperadas dos alunos nos ciclos que as avaliações serão aplicadas, mas se esquecem que nossos alunos vêm de uma história cultural completamente desproporcional ao que é exigido deles. Para muitos, o ato de ler se restringe apenas à sala de aula, não tendo significado nenhum para sua vida diária, pois na realidade essa atividade para ele é apenas mais uma atividade escolar, acadêmica, não se atenta para o fato de como um leitor consciente pode de fato modificar seu cotidiano.

Um aluno leitor facilmente se torna um filho leitor em uma família onde os pais não tiveram o acesso à formação, sendo capaz de ler uma bula de remédio, uma receita de bolo, uma carta de cobrança, enfim, ele se torna um sujeito atuante dentro de seu contexto e contribui como cidadão.

Essa consciência será despertada no aluno durante as aulas, quando o professor apresenta a ele as possibilidades de uso do conhecimento aprendido, e que esse pode ser usado além do muro da escola. De acordo com os PCNs, o ensino de língua deve ser pautado no texto, como uma realização discursiva dos diferentes gêneros. Assim, tenta-se explicar o porquê de tanta dedicação aos textos, uma vez que a maioria das informações está na modalidade escrita. É fácil perceber essa exigência ao irmos ao supermercado. Na entrada, encontramos panfletos escritos, mesmo que se queira ver apenas o preço de um produto.

Por isso, encontramos uma grande variedade de textos nos materiais didáticos fornecidos para a escola. O material que usamos em nossa escola, em destaque o livro de português, é perpassado por gêneros, desde os literários até aos jornalísticos além, é claro, de imagens que se apresentam como formas complementares. Além desses materiais, os professores aproveitam os cartazes e até mesmo informativos do Ministério da Saúde Tudo se transforma em recurso didático.

No entanto, vale ressaltar que o professor, de forma alguma, deve voltar o ensino da leitura apenas para que o aluno consiga fazer uma prova, mas que o aluno seja um sujeito produtor de seu conhecimento, sendo um sujeito que compreende e interage com seu mundo. Construir um ser letrado, não o introduzindo no mundo da escrita, mas também torná-lo um indivíduo funcionalmente letrado. Como Kato afirma,

[...] um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um instrumento de comunicação.¹⁹

É importante, nesse ponto do trabalho, diferenciar os tipos de textos e gêneros textuais. Alguns teóricos denominam apenas a dissertação, a narração e a descrição como “modo de organização textual”, diferenciando-os da nomenclatura específicas que são consideradas “gênero textual”. Pautando-se nos estudos de Marcuschi, para quem tipos textuais designam uma sequência definida pela natureza linguística em sua composição, observando aspectos lexicais, sintáticos, tempo verbal e relação lógica.²⁰ Nesse grupo, seriam enquadrados então a narração, a descrição, a argumentação e a exposição.

Então, os gêneros textuais seriam os textos materializados encontrados em nosso cotidiano, caracterizados por suas funções sociocomunicativas definidas por seus estilos, funções, composições, conteúdos e canais. Enquadrariam assim as cartas, diários, romances, resenhas, blog, e-mail, entrevistas, piadas, instruções de uso, dentre outros.

¹⁹ KATO, Mary A. *No mundo da escrita*. São Paulo: Ática, 1987. p. 7.

²⁰ MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 79-111.

Em relação aos alunos do 6º ano, os textos mais trabalhados são as narrativas de caráter literário e informativo, como reportagens e notícias. Espera-se que eles consigam levantar hipóteses, montar paralelos com o conhecimento prévio e que consigam entender as diferentes linguagens, não se atentando ao fato de que os alunos ainda estão em um processo de aprendizagem e de reconhecimento das diferentes formas escritas. Para Schneuwly, os gêneros textuais são objetos de aprendizagem e, por isso, importantes.

Quando um gênero textual entra na escola, produz-se um desdobramento: ele passa a ser, ou mesmo tempo, um instrumento de comunicação e um objeto de aprendizagem [...] Desse ponto de vista, os gêneros escolares podem ser considerados variantes dos gêneros de referência, que visam ser acessíveis ao aluno.²¹

O importante é que na construção desse leitor a escola esteja pronta para oferecer diferentes formas de comunicação e que o professor ensine a seu aluno a ler e a reconhecer sua função dentro da sociedade em que está inserido. Além disso, é importante ressaltar que é papel de todas as matérias apresenta aos alunos as diferentes formas de conhecimento, com suas especificidades: tanto a matemática, com seus gráficos, quanto a geografia e seus gráficos, por exemplo.

Os gráficos lidos viram materiais nas mãos dos alunos-leitores e acabam virando dados que se transformam em comunicação. É o que se espera quando de aprende algo, que seja socializado com outros.

A leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento, e cabe ao professor escolher e selecionar o material para estimular a criatividade. Preparar as escolas para essa formação de leitores, e mais, leitores críticos, é fundamental. Possuir um ambiente voltado para a leitura com bibliotecas, com cartazes espalhados com estímulos, é papel da escola como ambiente de ensino. Se não for possível ter uma biblioteca, pelo menos que se tenha uma quantidade significativa de livros variados, de revistas e de jornais que possam ser emprestado aos estudantes, criando um ambiente produtivo para todos que o procuram.

É fato que não podemos restringir apenas aos livros o papel do ensino da leitura, uma vez que a cada dia surgem novos veículos de comunicação, como a internet, assunto esse que trataremos no próximo capítulo. Além, é claro, de

²¹ SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 74.

refletirmos mais um pouco sobre a função da escola e de como ela pode se tornar um ambiente fértil para a construção de um ensino focado na pesquisa para que o aluno se torne sujeito de seu aprendizado.

3 ESCOLA E FORMAÇÃO CRÍTICA DO ALUNO DE 6º ANO

Neste capítulo, pretendemos construir um diálogo entre o que a sociedade espera da escola e o que de fato a escola vem oferecendo, uma vez que ela não tem caráter de “formadora”, no sentido de moldar, pois, partindo do princípio que estamos em constante desenvolvimento, pensar na escola como forma não faz sentido algum e é pedagogicamente inconsistente. Assim, procuramos nos concentrar na reflexão sobre o papel que o Colégio Estadual Prof.^a Lourdes Oliveira Sampaio vem desempenhando – ou deveria estar desempenhando – em relação à instrução dos alunos do 6º ano por um olhar amplo e crítico.

3.1 O papel da escola pública no âmbito social

A escola pública é formada por diferentes sujeitos que, em uma rede de relações, podem ou não colaborar para o aprendizado dos educando. Essa relação não se constrói exclusivamente entre professor e aluno, pois seria restrito demais, mas por todos os outros agentes que fazem parte deste contexto, desde o porteiro, a merendeira, os auxiliares de limpeza, a secretária, chegando até ao coordenador pedagógico, ao diretor e vice. Enfim, todos que contribuem de alguma forma com a educação. Além desses sujeitos, a escola pública integra outros agentes oriundos do ambiente externo da escola, como a comunidade escolar. Esta pode colaborar também para que a escola possa gerar, dentro de sua particularidade, algo de produtivo para quem a procura.

Nossa reflexão parte inicialmente da compreensão do termo “público” como sendo algo que é pertencente a todos. Para um melhor entendimento desta questão, a pesquisadora Eloísa Helena afirma que o público “são grupos que se relacionam com determinados eventos, em razão ao interesse específico”, enquanto o privado “seria o oposto”, “restrições dessas características”.²² Sendo assim, a escola pública, com intuito de ser pública, deve ter como meta um acesso e um ensino igual para todos que ali estão. A escola como guardadora do saber, compartilha com seu público. Há um grande espaço de debate entre o que se espera da escola em relação à instrução e formação, e o que fato vem ocorrendo.

²² CABRAL, Eloísa Helena de Souza. *Terceiro setor: gestão e controle social*. São Paulo: Saraiva 2007. p. 6.

Quando falamos que a escola não forma ninguém é no intuito de que de fato ela não molda, não cria uma forma capaz de modelar alguém, mas que no momento que se fala de escola, pensa-se como um ambiente formador em sua constância, pois o indivíduo está em permanente formação. Por isso, o ambiente escolar torna-se mais um elemento dentro desse desenvolvimento.

O papel que a escola vem desempenhando ao longo dos anos é bem diferente do que realmente se espera de uma instituição que deveria propiciar um ambiente de ensino-aprendizagem e do desenvolvimento da cidadania, apoiada sempre que possível na pesquisa. O que vem acontecendo, porém, é que a escola se tornou um local aonde se vai para ter “aula”, pura e simples reprodução dos conhecimentos. É o velho modelo de ensino que perpetua a ideia de instrucionismo, deixando de lado a formação total do educando. Neste modelo descrito, o que se percebe é uma falsa sensação de aprendizagem e de preparo para o mundo de forma competitiva. Pedro Demo salienta que “a escola, em especial a escola pública, está atolada no instrucionismo. Em grande parte, nela os alunos são objetos de aula reprodutiva, que precisam copiar e devolver copiada na prova”.²³

Esse caráter deturpa o sentido real da escola, impossibilitando, muitas vezes, atuação e a libertação dos agentes que nela atuam em relação aos modelos tradicionais de ensino, concentrando-se de fato no educando. O aluno não é um reprodutor, mais sim um construtor do saber. Por isso, enganam-se aquelas pessoas que olham para a escola como um bote salva-vidas. Ela é, de fato, um instrumento pronto para servir àqueles que querem avançar na formação sistemática e humana, libertando-se de seu cerceamento pessoal. Um sujeito que quer buscar diferentes possibilidades para se desenvolver em plenitude busca na escola muito mais do que apenas conhecimento instrucional, mas uma formação como cidadão.

As instituições de ensino têm como missão, além de ensinar os conhecimentos científicos acumulados em nossa história, ensinar valores para o desenvolvimento da moral, através dos conteúdos e metodologias para formação integral do indivíduo. Segundo Turra,

[...] os educadores reconhecem a necessidade de estimular atitudes positivas [...] mas o sucesso do aluno é geralmente determinado pelas

²³ DEMO, Pedro. Escola: instrução ou formação? *Educação AEC*, Brasília, ano 35, n. 141, out./dez. 2006. p. 20.

aprovações obtidas em exames tradicionais ou provas objetivas ou pelas colocações conseguidas através da apresentação de diplomas.²⁴

Ou seja, o aluno é valorizado e considerado por aquilo que consegue tirar em números e não em atitudes como ser humano. Muitos ainda olham para a escola, esperando dela um ensino bancário, onde todo conhecimento é depositado na cabeça do aluno e pronto. Ele não precisa produzir nada, basta reproduzir em forma de números, de notas.

Diante desse quadro, a escola deve mudar e se tornar um “laboratório de aprendizagem”,²⁵ deixando de ser prioridade o instrucionismo, mas criando um lugar de pesquisa e crescimento pessoal. Ao longo da vida, as pessoas vão criando caminhos para os problemas cotidianos, e é neste ambiente que lhe é estimulado a busca e a pesquisa, possibilitando assim a formação da autonomia como cidadão.

Para exemplificar como a escola pública tem sido entendida, pegamos uma questão bem polêmica, a reprovação escolar. Deparamos-nos com dois grandes problemas, o primeiro se refere às políticas públicas instituídas na escola: o que deve ser feito ou não fazer no caso de reprovação. A reprovação essa gera gastos e custos para os cofres públicos, criando o segundo grande problema: o aumento estatístico de baixo rendimento que, para as escolas públicas, gera uma diminuição de investimentos externos. A questão do aprendizado acaba ficando em segundo plano diante de ideia capitalista que predomina na educação estatística e não na educação de qualidade.

A sensação que se tem é que o aluno é um simples número dentro de uma contabilidade que nunca tem um saldo positivo. E pior, sempre estão à procura do culpado, quase sempre o professor. Não há de fato uma política de qualidade para o ensino que invista em programas de aprimoramento pessoal das agentes que lidam como educando. Há sempre uma política de cobrança de resultados positivos com números.

Independente do que se pense, a cultura que se vive hoje em nossas instituições é muito mais voltada para os recursos que vêm do que para a construção humana e, às vezes, somos surpreendidos com algumas posturas

²⁴ TURRA, C. M. G. et al. *Planejamento de Ensino e Avaliação*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1998.

²⁵ DEMO, Pedro. *Aprendizagem no Brasil: ainda muito por fazer*. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 75.

antipedagógicas. Nos conselhos de classe, fazem com que o grupo lembre-se dos índices, discursos que não contribuem em nada para a construção de uma educação eficiente e de um ambiente produtivo.

Na verdade, empurramos para frente indivíduos completamente despreparados e que vivenciam a falsa sensação de que são capazes de seguir por conta própria seu caminho. Pedro Demo coloca muito bem que “sem aprendizagem mínima, fraudando por completo o direito do aluno de aprender bem”,²⁶ ou seja, aprender bem é de ser capaz de fazer escolhas, tanto para um bem comum, como para promover uma autonomia plena como sujeito de sua ação. Na constituição de 1988, no Art. 205, diz que a “educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida com a colaboração da sociedade”. Ora, se é dever de todos, a escola não pode oferecer o mínimo, e nem ser cobrada o mínimo, mas promover um ambiente propício para o aprendizado, e que a sociedade entenda e participe dessa formação humana.

No entanto, não podemos pensar que fatos como esse descrito ocorram apenas nas escolas públicas. O quadro se espalha também pelas particulares. Qualquer instituição reprova, porém, nas instituições particulares, há uma cobrança bem maior e diferente, os pais exigem mais, o coordenador acompanha o ensino e aprendizagem dos alunos. Situação mais difícil de acontecer nas públicas, pois elas estão sobrecarregadas de tarefas. O quadro que temos hoje da escola que tem que lidar com todas as diversidades possíveis, com alunos da inclusão, mas que o professor não sabe lidar, com a violência familiar que se manifesta na agressividade do aluno, da falta de tempo de professores em prepara uma boa aula. Além disso, o governo corta investimento e sobrecarrega a pessoa, como é o caso do coordenador pedagógico, que deveria auxiliar o professor em relação à aprendizagem dos alunos, traçando metas e discutindo ações, mas acaba ficando limitado a resolver todo o tipo de problema que ocorre, do disciplinar ao da merenda. O pedagógico fica guardado em uma gaveta esperando um tempo para ser pensado e esse tempo nunca chega.

Assim, os resultados não são de fato os melhores: professores cansados, pais ausentes em seu papel de auxiliares, coordenadores em diferentes funções, criando de fato a sensação de estarmos navegando contra a corrente.

²⁶ DEMO, 2006, p. 21.

Em uma sociedade neoliberal como a nossa, a escola chega a ser comparada a uma grande indústria de produção que tem como meta uma grande produção mesmo que essa não signifique qualidade. Esquecendo que o papel de uma unidade de ensino é preparar o indivíduo para a vida e não apenas para atender ao mercado como mão de obra barata em troca de um salário no final do mês, ou como consumidor voraz que nem sabe de fato o que está fazendo, apenas se deixa levar pelos ventos do poder ter. É dever da escola preparar os educando para que saibam se defender desse modelo social, e não mais um produto dentro desse contexto.

De fato, ela deve ser um ambiente influenciador, um laboratório, como já foi mencionado, um possibilitador para que um maior número de indivíduos tome em suas mãos o destino e que reconstrua sua história pautada sempre no conhecimento. Segundo Pedro Demo, “a influência formativa é aquela que encontra, no outro lado desta relação de poder, alguém que reage, se desenvolve, ocupa espaço próprio”,²⁷ porque assim é a “pedagogia da autonomia”.²⁸

Tanto Demo quanto Freire já falavam na autonomia do sujeito como um caminho para se enfrentar um modelo social que degenera e massifica o ser humano. Essa autonomia é constituída pela aprendizagem, partindo das escolas como instituições também autônomas.

A sociedade aposta na escola. Às vezes, uma aposta errada, pois ela se excluiu da responsabilidade de participar, de assumir sua responsabilidade diante da educação, deixando assim de ser o principal sujeito de cobrança, retirando das autoridades competentes a responsabilidade de oferecer uma educação de qualidade e não de simplesmente uma educação de quantidade. A escola ensina, os pais educam, o governo investe e a sociedade acolhe esse indivíduo.

Em nossa pesquisa, observamos um grupo de professores que trabalham no Colégio Estadual Prof.^a Lourdes Oliveira Sampaio, e que vêm gradativamente tentando implantar esse caráter de formação continuada do indivíduo, o aluno sendo visto em sua individualidade como ser. Não é uma tarefa muito fácil, pois o ensino ainda amplo se esbarra em uma realidade de massificação de conteúdo. A direção

²⁷ DEMO, 2006, p. 22.

²⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

também tem um papel muito importante, quando ouve as queixas dos professores e tenta junto com eles resolver, mas também acaba se esbarrando no burocrático, esquecendo-se do humano. Reforçamos mais uma vez que essa escola vem tentando. Lembramos ainda que o foco da análise são os alunos do 6º ano, não o todo, pois englobaria um número alto, com aproximadamente 1.500 alunos de séries que variam do 6º ao 3º ano do Ensino Médio.

O fato é que a escola está tentando construir um novo conceito para escola pública, buscando priorizar o humano em sua formação completa. “A escola não pode mudar tudo nem pode mudar a si mesma sozinha, ela está intimadamente ligada à sociedade que a mantém”.²⁹ Essa escola em particular não quer ter a pretensão de mudar nada sozinha, mas acredita que sua equipe está no caminho certo ao voltar-se para o outro como alguém que está construindo sua autonomia.

Assim, quando Freire ensina que “o ser cidadão”, é o ser político, capaz de questionar, criticar, reinventar, participar, militante e engajado, contribuir para a transformação como em uma grande rede, é que na realidade todos participam na formação do cidadão autônomo, capaz de interagir em seu meio, em benefício próprio e dos outros. É o que se espera da escola, uma escola cidadã, como sonhava Freire.³⁰

3.2 A escola como ambiente de pesquisa

A escola é uma instituição aberta a todos, que tem a preocupação de não descartar ninguém, e de possibilitar uma formação plena ao sujeito. Pensando assim, Pedro Demo aplica muito bem o termo de “laboratório de aprendizagem”³¹ para escola como um lugar aberto para a pesquisa, um campo sempre fértil e produtivo. A sala de aula, pensando assim, tornar-se-ia muito pequena para tantas ideias. E é o que se discute atualmente como um modelo possível para educação.

Uma possibilidade para se construir esse novo perfil escolar seria trabalhando com a metodologia de pesquisa. É evidente que essa pesquisa não se enquadraria nos modelos que conhecemos, voltado para rigor científico, como esperado no Ensino Superior, mas com uma metodologia voltada para os

²⁹ STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 167.

³⁰ STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008, p 167.

³¹ DEMO, 2004, p. 80.

questionamentos, a fim de uma reflexão, sendo o aluno o sujeito dessa investigação. Uma metodologia voltada para um lado educativo emancipatório, com uma atitude cotidiana, viabilizando a qualquer pessoa e em qualquer lugar pesquisar sem banalizar, mantendo uma relação inseparável com o conhecimento e a prática, marca metodológica da pesquisa que tenta representar o procedimento mais relevante de (re)construção de conhecimentos, revelando assim sua característica de inovação. Seguindo o conceito apresentado por Demo:

Pesquisa significa, de partida, duvidar, querer saber, buscar avanços no conhecimento, sem cair na armadilha de oferecer resultados que já não permitiam mais ser duvidados, questionados ou, precisamente, pesquisados.³²

Ora, o que almejamos para nossas escolas não é esse ambiente? Então perpetuar os velhos moldes de transmissão do conhecimento não vai retirar a escola pública, em específico, da situação de falta de atrativo para o alunado. Além disso, o professor deve ter o compromisso ético e profissional com a aprendizagem dos alunos, para acompanhar as mudanças externas.³³

Em vez de quadro, giz e silêncio, conversas e debates sobre todos os assuntos, do conteúdo da disciplina ao cotidiano do aluno, surgindo assim temas para pesquisa. Nessa construção, entra, sem dúvida, uma mudança de atitude por parte de todos. Professores e alunos em um debate constante.

Se aceitarmos e valorizarmos nossos alunos, se os considerarmos capazes de desenvolver competências e habilidades, se reservamos tempo para ouvi-los, contribuiremos para que desenvolvam padrões consistentes e realistas, sintam-se encorajados a não se intimidar com o fracasso e aprendam a agir de forma independente e responsável.³⁴

Mesmo em turmas de alunos tão novos como os do 6º ano, despertar esse interesse pela busca é possível. Basta haver vontade para trabalhar desta forma, encorajando, proporcionando assim um aprendizado mais autônomo.

A escola tem por responsabilidade proporcionar a seus alunos condições para que estes tenham acesso ao conhecimento. Nesse processo de criação e recriação do conhecimento, próprio da vida escolar, a leitura ocupa, sem dúvida

³² DEMO, Pedro. *ABC: iniciação da competência do professor básico*. Campinas: Papyrus, 1995. p. 54.

³³ DEMO, 2004, p. 80.

³⁴ ANTUNES, 2003, p. 32.

alguma, um lugar de destaque. Através dela, é possível levar o aluno a se tornar um curioso. E essa leitura não ficaria apenas no âmbito dos livros. Iríamos mais além, como veremos mais adiante, pelas leituras virtuais que já fazem parte de nosso cotidiano educacional.

A escola se tornar um ambiente propício para pesquisa, pois traz em si todas as ferramentas possíveis para que esse aprendizado aconteça. Partimos da realidade das escolas que possuem uma estrutura melhor, como a escola objeto de nosso estudo. Ela possui laboratórios de química, biologia, laboratórios de informática conectados à internet, biblioteca, possibilitando ao professor planejar suas aulas saindo da teoria para a prática, e ao aluno responder aos questionamentos, buscando nesses lugares as respostas.

Inúmeros projetos já foram desenvolvidos nessa escola, tentando aproveitar ao máximo o que esses recursos podem de fato colaborar para o aprendizado. Desde experiências científicas até a criação de panfletos informativos, os professores puderam cobrar de seus alunos o que de fato compreenderam a respeito dos conteúdos estudados. Percebemos que, ao possibilitar que o aluno use os recursos que conhece, ele torna-se mais confiante na execução do projeto e é o que se espera dos alunos: conseguir produzir um novo conhecimento.

Não é aceitável mais que o ensino se limite apenas ao que o professor fala, pois esta é uma visão tradicional do ensino e não o garante. Além disso, cada aluno aprende de acordo com seu ritmo, com seu esforço individual, leitura e reflexão combinadas com a curiosidade natural de cada indivíduo.

É fácil perceber isso quando levamos os alunos do 6º ano para pesquisar na internet. Sempre têm alguns deles que se destacam, indo além do que o professor pede, sendo capaz de lançar novas questões sobre o assunto.

Sem uma leitura eficiente, o aluno não seria capaz de selecionar as informações mais relevantes para registrar em sua pesquisa. Ele só terá essa capacidade se conseguir entender o que está lendo. Daí a importância de ensiná-los a ler. Lendo, eles serão capazes de escrever e produzir assim um novo conhecimento e não serem mais meros reprodutores do que foi dito. É na escola que o aluno vai aprender as estratégias de leitura, e reconhecê-las é importante e

necessário para enfrentar os diferentes estilos de escrita disponível em nossa sociedade.

Quando o professor leva o aluno a aprender descobrindo, pesquisando, este tem possibilidade mais efetivas de contextualização em sua rotina cotidiana o que aprendeu, descortinando, perante o aluno, um horizonte de um progresso no aprendizado construído por ele mesmo, tornando-o sujeito de sua ação.

Segundo Pedro Demo, o educar pela pesquisa não corresponde a uma visão pedagógica, embora a suponha e inclua, mas de um enfoque tipicamente propedêutico, ligado ao desafio de reconstruir, na educação básica e superior, uma qualidade formal e política.³⁵ Ou seja, o sujeito dessa ação é o aluno, como já mencionamos antes, mas um construtor de sua autonomia crítica e criativa de sujeitos completos.

Em um ambiente escolar voltado para a pesquisa, a sala de aula se torna um lugar de pesquisa, e o professor um parceiro de trabalho. Todos se tornam colaboradores nesse processo, desde a seleção dos materiais, passando pela interpretação pessoal e chegando ao resultado. Tudo isso resulta na elaboração de um novo conhecimento.

Para trabalhar com pesquisa, é importante comungar três grandes aspectos. Primeiro, o aluno precisa desenvolver a habilidade de questionar, não perguntas tolas e vazias, mas significativas, partindo da dúvida. Do questionar ele construirá os argumentos, possibilitando a verbalização das possíveis respostas ao questionamento inicial. Então, após todo esse processo, ele precisa ser capaz de finalizar e comunicar o que aprendeu, suas descobertas. Nenhum conhecimento deve ficar escondido, guardado em uma gavetinha. Ele deve ser compartilhado com todos.

Como papel da escola na socialização do conhecimento, trabalhando com pesquisa, ela vai muito mais longe, cumprindo de fato sua função social de formação do cidadão para sua inserção na sociedade como agente ativo e produtivo. Porém, e as escolas que não possuem tantos recursos, o aluno não fica prejudicado? Como ensiná-los a pesquisar?

³⁵ DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2003. p. 11.

Da mesma forma, incentivando a curiosidade e os questionamentos comuns a toda pesquisa. É papel do professor possibilitar esses momentos de busca, o questionar. Se possível for, proporcionar visita a locais que ofereçam ambientes propícios à pesquisa como museus e bibliotecas. Até mesmo a *lanhouse*, usando todo e qualquer recurso disponível.

O importante é conduzir o aluno a construir seu próprio conhecimento, dando a ele a possibilidade de se tornar um ser autônomo, agente de seu saber. Segundo Freire, “a autonomia de educando”³⁶ só acontece quando respeitamos sua cultura e seus conhecimentos empíricos, como um cidadão emancipado diante de sua própria história. É claro que se trata de uma sugestão de ensino, talvez um sonho, mas também uma possibilidade de mudança real para nossa educação.

3.3 As tecnologias e as diferentes possibilidades de leitura

Como formar alunos críticos em meio a tanta informação fácil como a que encontramos na internet? Como fazer o aluno retornar aos livros se eles só vivem conectados? E agora, o que a escola vai fazer? São muitas as indagações diante de uma realidade tão nova para a escola e tão velha para nossos alunos. As tecnologias estão presentes em nossa sala de aula e os professores muitas vezes nem percebem.

Para alguns, é de fato um bicho de sete cabeças, e o leitor em construção é um refém diante do tradicional e do moderno. De fato, as aulas tradicionais esbarram com os novos recursos de pesquisa. A internet, por exemplo, é um instrumento que pode ser usado em qualquer aula como um recurso valioso. Porém, é importante notar que ela por si só não colabora para uma formação de conhecimento, pois é ampla e diversificada, trazendo informações em demasia sem um fundo de verdade confiável.

Nem tudo que se lê na internet tem uma fonte de veracidade, pois se trata de uma rede de informação onde todos podem informar o que desejam. Instruir o aluno em relação a essa realidade é importante para dar a ele condições de escolha e de julgamento, selecionando assim só o que de fato é sustentável com verdade. Existem muitos sites públicos que desenvolvem trabalhos interessantes e que

³⁶ FREIRE, 1997.

podem ser pesquisados por seu caráter de responsabilidade pública com as informações divulgadas. Um bom exemplo é a biblioteca virtual do *Domínio Público*, organizada e mantida pelo MEC. Lá os alunos encontram obras completas de grandes autores, sendo permitido a eles a pesquisa e leitura.

Existem ainda outros sites de busca que podem facilitar e incentivar o aluno na pesquisa tanto de informação quanto de dados, com todas as vantagens audiovisuais que o professor pode explorar de diversas formas. Em muitos destes sites, o aluno tem a possibilidade de interagir com sua pesquisa, construindo e editando seu próprio texto.

Outro exemplo são os blogs. Neles, o aluno deixa seu comentário em relação ao que foi estudado em sala e durante a pesquisa nos sites em uma troca de ideias e de experiências, ampliando e divulgando seu aprendizado.

Muitas escolas já se preocupam em criar esses ambientes virtuais através de projetos, mas o professor deve se preparar para trabalhar com essa nova metodologia. É importante que ele conheça as expressividades de cada um dos recursos para orientar na criação de ambientes que possam enriquecer o processo de aprendizagem do educando. O professor deve ser o mediador desses recursos, garantindo assim que os alunos não se envolvam em sites que não colaboraram com nada para o aprendizado.

As chamadas ferramentas de comunicação – os correios eletrônicos, fórum de discussão e chats – vêm ampliando a multiplicidade de recursos que podem ser utilizados em situações de aprendizagem. Esses instrumentos possibilitam o envolvimento com os conteúdos não só de uma disciplina mais do envolvimento de todas.

Nas páginas acima, discutimos a possibilidade de um ensino voltado para a pesquisa. No entanto, isto surge da necessidade de se solucionar um problema. Associado à pesquisa, o professor pode trabalhar com projeto, que também é uma forma de aprendizado. Na realidade, o trabalho por projeto potencializa a integração de diferentes áreas de conhecimento, assim como a integração de várias mídias e recursos. Com isso, amplia a rede de conhecimentos que o aluno pode buscar. O aluno, ao se apropriar desses novos recursos, pode expressar seu pensamento por diferentes linguagens. É a possibilidade do aluno recontextualizar aquilo que

aprendeu como bem estabelecer significados entre os conhecimentos. Ressignificando os conceitos e as estratégias na resolução do problema de investigação do projeto, eles ampliam seu universo de aprendizagem e se tornam capazes de navegar por diferentes áreas do conhecimento, não ficando parados em apenas um ponto dele.

Afinal, o que todo professor procura de fato é levar seu aluno a romper com as disciplinas para que possa ampliar o conhecimento. Com o uso das tecnologias, cria-se um ambiente amplo e acessível a todos os envolvidos. É uma mistura da abstração com o concreto em uma harmonia.

É importante não ignorar esses novos recursos disponíveis. Muitos de nossos alunos têm acesso e conhecem bem melhor que os professores. É uma proposta de parceria entre a tecnologia, a educação, o professor e o aluno.

Salientamos ainda que há um esforço muito grande por parte do Governo Federal em instruir os professores sobre as tecnologias e de como usá-las. Existe, na maioria das Secretarias, uma parceria com os projetos voltados para essa formação como o Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia Educacional, o Proinfo, que habilita profissionais da educação para lidar com esses recursos tecnológicos e monitores dentro das unidades escolares que possuem laboratório de informática. Possibilita a todos que queiram possam fazer o curso que se divide em dois grandes momentos, o presencial, com o auxílio de professores-monitores treinados para dar o curso, e uma segunda parte virtual, onde os cursistas desenvolvem as atividades via internet.

Nesses cursos, são oferecidos subsídios teóricos, metodológicos e práticos para que os professores compreendam o potencial pedagógico dos recursos tecnológicos, planejando estratégias e as utilizando na prática para criar situações de ensino e aprendizagem. É o professor aprendendo, atualizando-se para ensinar melhor.

Esse novo educador deve ser capaz de criar condições para que cada aluno possa se conhecer como aprendiz, como quem aprende e como aprendiz atua diante de uma nova situação de aprendizagem. De fato, entender a aprendizagem segundo uma abordagem sociointernacional, enfocando as dimensões social, afetiva e cognitiva, amplia o conceito de ensino, ideias essas pensadas por autores como

Paulo Freire. Para ele, não é possível ser “contemplada apenas o campo da teoria”,³⁷ mas que essas teorias se transformem em ações educacionais, transformando o ambiente escolar e o educando, para que ele se torne um sujeito competente e habilitado a aprender ao longo da vida.

Verificamos que os alunos ficam encantados diante desse universo, e mais disponíveis a aprender. Alunos de 6º ano nos laboratórios de informática tornam-se seres entusiasmados, sendo capazes de interagir com a pesquisa solicitada pelo professor, buscando em diferentes sites, ampliando o campo de leitura. Acessa sites de contos, de gibis, de histórias de suspense, de charges e de propaganda, dentre outros. Diferentes formas textuais, basta dar um clique. As imagens também complementam esse quadro, pois um mesmo assunto pode ser visto por diferentes imagens. O livro didático fica como um objeto para ser usado em último caso e em casa.

O material de leitura do aluno agora não se restringe apenas a um modelo impresso, mas a uma gama de possibilidades, os chamados hipertextos. No que se refere ao hipertexto, tem em si dois atributos que lhe são fundamentais. Em primeiro lugar, permite a navegação, permitindo a conexão com os demais hipertextos. Da parte do leitor, a intertextualidade lhe garante a liberdade de saltar, ao clique, de uma página para outra. Em segundo lugar, permite a convergência de várias mídias. É, de fato, uma estrutura multimídia que associa palavras, sons, imagens, vídeos e gráficos, diversas linguagens em um único suporte.

Como já citamos anteriormente, o aluno será capaz de redigir seu texto, comunicando o que aprendeu, socializando com o grupo escolar e até mesmo com outros estudantes internautas, em salas de bate-papo ou em blogs. Parece que, diante do computador, o educando torna-se confiante e autônomo de seu conhecimento, nem se importando com os erros gramaticais que incomodam tanto os escritores novos. O fato é que o texto produzido por ele de fato é dele. Foge do controle do professor. Nele, o autor pode inserir o que vier na ideia, sem medo.

A leitura nesses hipertextos se diferencia, pois a linguagem também é uma marca que a diferencia dos demais veículos. No livro, a construção dos parágrafos é extensa exigindo de seu leitor maior concentração para entender esse apanhado de

³⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

informações. Já no hipertexto, os parágrafos são curtos e sucintos, pois é um veículo de velocidades. Um de seus objetivos é que o leitor leia uma quantidade maior de informações possível. Assim, também exige desse leitor uma capacidade maior de seleção.

O aluno, como leitor de hipertexto, torna-se mais ativamente participante em relação ao processo de aquisição de conhecimento pelo fato de lhe ser facultado elaborar livremente, sob sua própria responsabilidade, escolhendo seu interesse, acessando, derivando significados novos e acrescentando comentários pessoais às informações que lhe foram apresentadas.

Nesse ponto da pesquisa, queremos destacar alguns outros veículos e a forma como o professor pode estar explorando da melhor maneira esses recursos em seu favor. O primeiro a ser discutido é o uso da internet na escola, com a possibilidade de uso dos sites de busca, que podem facilitar o aluno na pesquisa de informações e dados. Para tanto, temos o Google, as enciclopédias eletrônicas, como a Wikipédia, que o estudante pode contribuir com sua pesquisa, pois é uma enciclopédia em construção. Nessa linha, ainda temos os correios eletrônicos, possibilitando que um aluno daqui de Goiás se comunique com um aluno lá do Rio Grande do Sul, por exemplo.

A construção de páginas permite ao aluno representar seus conhecimentos em um formato que exige articulação com as diferentes formas de linguagem e uma organização lógica e espacial diferente daquela habituada usada sem o recurso tecnológico. O aluno deixa registrada sua identidade como sujeito atuante sobre ele.

A linguagem visual e textual, a estética, a lógica hipertextual das informações e o dinamismo de eventos e imagens integram-se na construção de uma atividade de aprendizagem criativa, complexa e, ao mesmo tempo, prazerosa para o aluno. A possibilidade de o aluno poder diversificar a representação do conhecimento, a aplicação de conceitos e as estratégias é o que se espera.

Evidentemente, as tecnologias não se limitam a apenas o uso da internet, mas de todo recurso disponível. Se usarmos um vídeo em sala de aula, o aluno deve ser capaz de compreender que a informação contida nele. Ele só vai apresentar se for um leitor que seleciona o que de fato é importante. Assim, trabalhar de forma diferenciada não é simplesmente mudar o recurso usado, deixar

o quadro negro, mas apresentar objetivos para o uso do recurso, caso contrário teremos a perpetuação de um ensino bancário,³⁸ no qual o professor passa para o aluno um conjunto de informações apenas para encher sua cabeça.

Ao envolver educação e tecnologia, é necessário fazê-la de forma consciente com o intuito de instrumentalizar o aluno, tanto com o conhecimento científico quanto com o conhecimento tecnológico, para que se torne presente na sociedade, interagindo com ela.

É uma reflexão válida pensarmos em todas as possibilidades de melhoria do ensino, buscando de fato uma educação de qualidade. Cabendo a todos pensar, a escola pública atender ao seu público, o professor assumir o papel de facilitador do conhecimento e o aluno assumir de fato uma posição de alguém que busca aprender sempre.

Em qualquer dos aspectos citados, é relevante ressaltar que a leitura é, com certeza, o meio dessa construção, independentemente de onde ela esteja acontecendo, se é em uma sala de aula, em um livro ou na página da internet. Ela deve ocorrer e funcionar para o leitor. Compreender o que se lê é a principal porta para se libertar como sujeito, tornar-se dono do próprio destino. Ensinar nossos alunos a essa descoberta é a nossa responsabilidade como educadores.

Como já falamos antes, a escola não resolverá sozinha os problemas da sociedade, mas pode apontar caminhos. Tampouco as tecnologias podem fazer milagres apenas. Elas são mais uma porta, veloz e ampla.

O aluno de 6º ano, por sua natureza, é curioso e capaz de interagir com o conhecimento, ampliando-o, pois ainda está em construção. Não podemos ignorar esse fato e olhar para ele como mero receptor do saber. Neste capítulo, tentamos refletir sobre essas questões com o intuito de pensarmos sobre nosso papel, a fim de buscarmos sempre um caminho diferente para ensinar e para formar esses novos leitores.

³⁸ FREIRE, 1987.

CONCLUSÃO

Esse trabalho não é um manual de instrução, mas um projeto de reflexão que entende que ensinar é uma postura diária nos pequenos detalhes e que isso só é possível quando todos se envolvem nesse processo, escola, professores, comunidade e, principalmente, alunos. Nosso objeto foi a formação do leitor, delimitada a alunos do 6º ano, com o intuito de verificar se era possível ou não a sua formação crítica.

O domínio da leitura não é algo simples de se ter. Exige do leitor habilidades que ele aprenderá dentro da escola. A vida lhe ensina, mas a escola instrui para que as experiências do mundo se façam presentes nas palavras e que elas tenham significado mesmo em um jogo de frases e orações, que, como leitor, seria capaz de entender.

Não é possível fechar essa pesquisa com grandes fórmulas, pois isso seria uma utopia maior do que podemos sonhar. Cada capítulo em si traz uma autonomia de ideias que acabam desaguando no capítulo seguinte, pois o pensamento se constrói assim, com amarrações, respondendo aos porquês, e fazendo novos questionamentos.

O pensamento freireano participa desta pesquisa pontuando elementos importantes para a construção de nossa reflexão. Além disso, ele, como grande educador, acreditava muito no ser humano. Acreditamos que o centro de qualquer ensino formal ou não-formal deve ser o sujeito em sua totalidade, em sua complexidade, tornando-o protagonista de sua própria história.

Alguns caminhos que podemos trilhar são possíveis. Entendemos que é possível um ensino voltado para a pesquisa. O aluno torna-se o grande elaborador de seu conhecimento, deixando de lado a tradicional “decoreba” para um falar advindo de uma construção real feita pelo educando. Principalmente porque estamos falando de formação de leitores críticos. Trabalhado com pesquisa, a leitura seria o centro de tudo, a base para qualquer construção do conhecimento.

Além dos aspectos citados, levamos em conta outro elemento em questão, a escola pública. Discriminada, mais tão fértil, pertence ao público. Por isso, acessível

a todos, oferecendo, mesmo diante do caos que se estalou no ensino, qualidade e formação para o cidadão.

Não basta apenas apontar os erros, é necessário trilhar um caminho diferente, sem procurar culpados, envolvendo a todos: governo, comunidade, professores, gestores, famílias em um grande acordo em prol do ensino de qualidade.

Muitos conceitos sobre leitura se destacaram ao longo de nossa pesquisa, mas muito mais que conceito o que fica é que sem dominar a leitura de fato nos tornamos reféns de um sistema discriminatório e elitista. É por meio dela que ainda podemos seguir um caminho diferente desse descrito, fazer uma releitura da própria vida e, a partir disso, fazer escolhas conscientes para o bem comum e dos outros.

Pensar em ensino de leitura para alunos ainda tão jovens como os do 6º ano não parece coerente para aqueles que estão fora do contexto escolar. Até porque se acredita que para eles basta saber codificar as letras, esquecendo que isso é só uma pequena parte do aprendizado. É possível mudar essa visão, formar o leitor crítico é uma ação contínua, dia após dia, sendo ensinado pelo professor, pelo diretor, pelo pai e pela mãe. Gradativamente ele se constrói.

Assim, nosso trabalho ainda deixa lacunas abertas para que seus leitores possam refletir sobre essas questões ao longo de sua prática educativa. Para os demais leitores, uma nova janela aberta para fazer um ensino que tenha como centro de tudo o aluno.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. *Relações interpessoais e auto-estima: sala de aula como um espaço de crescimento global: o projeto*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BORGATTO, Ana; BERTIN, Terezinha; MARCHEZI, Vera. *Tudo é linguagem: Língua Portuguesa*. 5ª série. São Paulo: Ática, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, 1997.
- CABRAL, Eloísa Helena de Souza. *Terceiro setor: gestão e controle social*. São Paulo: Saraiva 2007.
- DEMO, Pedro. *ABC: iniciação da competência do professor básico*. Campinas: Papirus, 1995.
- _____. *Aprendizagem no Brasil: ainda muito por fazer*. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- _____. *Conhecer e aprender: sabedoria dos limites e desafios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- _____. *Educar pela pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2003.
- _____. Escola: instrução ou formação? *Educação AEC*, Brasília, ano 35, n. 141, out./dez. 2006.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1993.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- KATO, Mary A. *No mundo da escrita*. São Paulo: Ática, 1987.
- KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 1989.
- MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- SILVA, Ezequiel Teodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.
- SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TURRA, C. M. G. et al. *Planejamento de Ensino e Avaliação*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1998.